

225
ano VI - 123



DEPÓSITO LEGAL

JAN 1946



**MUNDO
GRAFICO**

**DESPORTOS DE INVERNO
NA INGLATERRA**

O PRIMEIRO NATAL DA PAZ

por MURIEL HARRIS

LONDRES procurou dar realce ao Natal deste ano. Não é que não o tenha feito também durante os seis longos anos da guerra mas, este ano, insistiu-se mais na nota das plantas sempre verdes da estação, do azevinho, do visco, das árvores de Natal, mesmo se estas fôsem na maioria, apenas, ramos. Viu-se nas lojas papel vermelho, não em quantidades generosas mas o bastante para servir de símbolo. Juntou-se gente nas lojas para comprar cartões de boas-festas que não primaram pela beleza e que foram caríssimos. A iluminação não foi brilhante, mas chegou. Foi como se toda a gente estivesse resolvida a conseguir, pelo menos, os símbolos que, embora por caminhos desviados e tortuosos, pudessem remontar àquela mensagem de outrora: «Glória a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade».

Assim, neste primeiro Natal da paz, a Inglaterra insistiu nos velhos costumes, tentando obter os petiscos próprios da estação que procurou celebrar, festivamente, tudo o que significa que o país se beliscara para ter a certeza de que não sonhara e que a segunda guerra mundial terminou.

A reminiscência fez parte considerável deste ar festivo. «Lembra-se dos grandes bombardeamentos de 1940 quando a noite de Natal foi a única durante meses em que os alemães não sobrevoaram Londres?» ou «Lembra-se do barulho que os vigias contra incêndios faziam a respeito de obscurecimento?» E houve também recordações que não se mencionaram, como, por exemplo, a felicidade e o acanhamento do João quando envergou pela primeira vez o seu uniforme de oficial numa noite de Natal. No Natal seguinte já se não contava entre os vivos...

Até as galinhas

A aquisição das coisas materiais tornou-se, de facto, como é sabido, muito mais difícil desde que veio a paz.

(Continua na página 25)



Veio da Europa passar o Natal com elas...



Bombeiros de Londres removem, da capital, tudo quanto possa recordar, ainda, as horas trágicas da guerra



A multidão em frente de Buckingham Palace aclama o Rei e a Rainha

A AMEAÇA

de GUEDES DE AMORIM

AQUELA adorável Aurora, que tão belos e suaves sorrisos, costumava apresentar, entrou a andar cabisbaixa, concentrada e meditativa, desde aquela tarde em que a Maria Emilia se lhe aproximara, no jardim, e com ela entretivera demorado diálogo.

Já algumas semanas tinham decorrido sobre essa vespertina, e todavia, quando à noite recolhia ao seu quarto, Aurora demorava-se, arrastados minutos, a perguntar a si mesma como é que tudo se tinha modificado tanto...

Martirizando-se com perguntas e oferecendo-se respostas que lhe pareciam corresponder à verdade, terminava, geralmente, por sentir fundos remorsos de haver deixado de visitar a esposa de José Carlos.

Contudo, não deixava ainda de consagrar-lhe a mesma amizade, quente e incorruptível fio de carinho fraternal, que vinha já de muito longe, sempre firme e visível para além da obra que a fatalidade tinha consumado.

Maria Emilia, na sua cama da casa de saúde, talvez pensasse o contrário, talvez mesmo se informada houvesse sido já do sucedido, a considerasse uma inimiga velha e traçoira, esquecida de tudo quanto lhe devia...

E, apesar de tudo, não era desse

modo que Aurora merecia ser classificada

Encostada a cabeça à barra da cama Aurora demorava-se largos espaços de tempo a reviver o seu passado, sentindo-se castigada e redimida ao mesmo tempo, como se desse obstinadamente recordar derivasse um carinho desabafado para a sua alma tão atormentada.

Via-se pequenina, arrastada pela mão de D. Matilde, instantes depois de lhe terem levado a mãe para o cemitério. Não sabia, se ao certo, se era verdadeiramente amiga de D. Matilde. Respeitava-a, obediência-lhe, considerando-a como sua segunda mãe. Sem ela, certamente, toda a sua vida teria enveredado por outro caminho, mais estreito e tortuoso, sabe Deus até que despenhadeiro!... Era-lhe grata, eternamente grata. Mas de Maria Emilia, ela bem sabia que era muito sua amiga considerando-a como irmã, dois anos mais velha é certo, mas confundindo se com a sua alma, como se fossem gémeas de corpo e de sentimentos. Pela vida fora, Emilia tivera sempre a preocupação, dir-se-ia o dever, de dividir com ela bonéas, flores, livros, em suma, tudo quanto possuía. Emilia era a bendita feita mulher. Quando às vezes D. Matilde a repreendia por qualquer motivo fútil, fazendo-a chorar, logo Emilia se apressava a vir-lhe secar as lágrimas, dizendo-lhe ao ouvido: «Não faças caso... A mamã tem squêle génio...» Fazer caso? Não. Era órfã, estava ali por generosidade de D. Matilde, tinha que suportar tudo quanto a sua protectora pretendesse. Não a torturava nem, tão pouco, procurava vexá-la. Certo que não se empenhava em submetê-la a esmerada educação, como fazia à filha, mas, assim mesmo, ordenava-lhe acções passas e gostos, de modo a torná-la uma mulher firme e lesta para a vida.

Enquanto viajava no pretérito, querendo repetir a si mesma que não era inimiga da boa gente que a tinha recolhido em pequena, Aurora fixa-

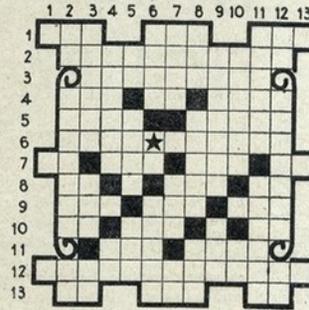
va-se, por determinação instintiva, no dia em que vira a sua «irmã», matrimoniar-se com José Carlos.

Então, com a cabeça mergulhada na almofada, ficava a chorar, mordida de remorsos, por não haver tido a suficiente coragem para ser mais forte que a tentação, cumprindo os seus deveres de grata amiga.

O que pensaria Maria Emilia, quando soubesse toda a verdade?...

Por certo a classificaria de malvada, desgarradora de lares, de tentadora de seu marido...

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 125

HORIZONTAIS

- 1 - Gracejar; Aparece; Estima.
- 2 - Título nobiliárquico.
- 3 - Pretendemos.
- 4 - Solitário; Nome de uma letra grega; Anual.
- 5 - E' presente; Que tem asas.
- 6 - Felicitções próprias deste dia (2 palavras).
- 7 - Pretexto; Cloro de sódio; Deusa; Gemide.
- 8 - Em a; Ruído; Símbolo químico de manganés.
- 9 - Sinal gráfico; Proposição e artigo (pl.); Página (abrev.).
- 10 - Artigo (pl.); Pronome pessoal; Rio da Guiné portuguesa.
- 11 - Prende; Rugido de algumas feras.
- 12 - Os que resolvem estes nossos problemas de palavras cruzadas.
- 13 - Nota de música; Pronome possessivo; Pertences.

VERTICAIS

- 2 - Quarto; Lição litografada ou dactilografada para uso dos estudantes; Art. (pl.).
- 3 - O mesmo que ridente; Gemidos; Medida itinerária chinesa.
- 4 - Descansar à hora de mais calor (pl.); Símbolo químico do ouro.
- 5 - Símbolo químico do cécio; Pegadeiras; E o resto.
- 6 - Costumar; Ísis.
- 7 - Pessoa muito bondosa; Ecoa; Alternativo.
- 8 - Partida; Cantores (entre os gregos); Lígue.
- 9 - Transformem em massa; Acre-ditei.
- 10 - Peça musical composta de três ou quatro partes do carácter diferente; Reis (abrev.).
- 11 - Requeimada; Multião.
- 12 - Nociva; Paralelogramo de lados todos iguais; Carta de jogar.



Solução do problema 124

PARA UMA REFEIÇÃO SABOROSA!



Desapareceram as dores

Não deixe que lhe estrague todas as refeições a sensação de fogo no estômago, flatulência ou dispesia. Tome uma colher de chá de Magnésia Bisurada em pó ou 2 a 4 comprimidos. Não tem igual para combater o excesso de acidez—frequentemente a causa de ardores, flatulência e outras formas de indigestão.

DIGESTÃO ASSEGURADA com **MAGNÉSIA BISURADA**

À venda em todas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.

HERPETOL

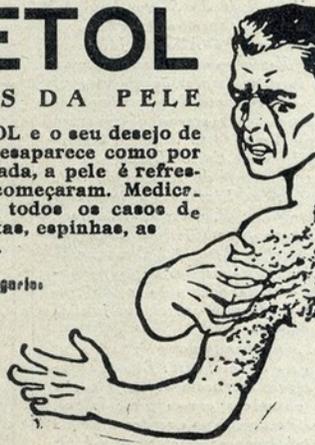
PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medimento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as rupções ou ardência na pele.

É vendida em todas as farmácias e drogarias.

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237 LISBOA



Mais baixo, então, num susurro que lhe esmagava toda alma, continuava Aurora a chorar, temendo que a sua culpa fosse, assim, tão mal compreendida e julgada.

Para além da meia-noite, pé ante pé, para que a sogra lhe não descobrisse o destino dos passos, José Carlos entrava-lhe no quarto, transformando-lhe, acto contínuo, as aperturas de espirito numa perfeita satisfação do coração e do corpo.

O marido de Maria Emilia tinha começado por vir ali, na noite imediata àquela tarde no jardim. Não deixara nunca mais de voltar. O que fôra audácia sem a certeza de êxito, tornava-se costume, obrigação, vício talvez...

Quando êle entrava na cama, procurando-a com as mãos, ela tinha um primeiro movimento de receio e pensava em fugir. Ficava, porém, sem se mexer. Com os primeiros afagos vinham as frases dominadoras, envolventes, tudo aquilo de que não podia, de que já não queria fugir...

— Serás sempre minha... — murmurava-lhe José Carlos.

Aurora nada lhe respondia, embora mentalmente lhe dissesse que sim, que seria sua para sempre, enquanto êle a quisesse e lho ordenasse.

Intimamente, Aurora sentia uma antiga e funda simpatia por José Carlos. Era o único homem que encontrara no caminho e com quem falava, mas conservando-se a distância, pois que êle era esposo da sua única e grande amiga. Êle era gentil,

(Conclui na página seguinte)

A AMEAÇA

(Continuação da página anterior)

amável, sem intenção nenhuma. Após a partida de Maria Emilia para o hospital, muito principalmente desde aquela tarde do jardim, descobri nela atracções em que nunca tinha reparado. Depois, José Carlos andava tão triste, tinha um aspecto de pessoa tão infeliz... Mesmo que quisesse recuar, mesmo que quisesse opôr-se à queda irremediável, não teria forças suficientes para tanto.

Com a sucessão dos dias, porém, começou a levantar-se no espirito de Aurora um fatasma de desassossego, inquirendo de si mesma o que poderia suceder quando, saída do hospital, Maria Emilia regressasse a casa.

— Que tens? — perguntou-lhe o amante, uma e outra vez, de noite, quando a via com o olhar esquiçado em qualquer ponto afastado.

— Nada... — respondia Aurora escondendo a sua terrível apreensão, como se tratasse de segredo de algum crime.

Por outro lado, desconfiada ou, até, já sabedora de tudo quanto se passava entre o genro e a pupila, D. Matilde adquirira um semblante ameaçador, falando muito menos do que costumava, espalhando olhares cheios de ódio.

Um dia, ao almoço, depois de fitar José Carlos, perguntou a Aurora:

— Estás esquiçada de Maria Emilia?

Aurora, enrubescendo, sem fitar D. Matilde, limitou-se a retorquir:

— Tenho tido muito que fazer... — Hum!... Bem eei. o que tens tido que fazer...

José Carlos, ante as insinuações e o furioso olhar da sogra, interrogou:

— Que é que a senhora quer dizer?

— Ah!... — lançou a velha com um sorriso escarninho. — É o senhor quem me pergunta? Pois muito bem. — E, numa voz misteriosa e trovejante ao mesmo tempo, concluiu:

— Quero dizer que, ou eu muito me engano, ou esta menina — e indicou Aurora — está a proceder de modo que nos há de fazer arrepender, a mim e a minha filha, de a termos educado e mantido na nossa companhia...

— A senhora enlouqueceu! — sentenciou José Carlos.

D. Matilde, irrompendo aos gritos, pôs fins ao almoço. D. Matilde, a mesa, E, no seu quarto diante de um crucifixo, proferiu esta ameaça:

— Amanhã, irei contar tudo a minha filha.

UMA ORIGINAL FIGURA LITERÁRIA

TINHA-NOS convidado, a mim e ao satirico Carlos Simões, para estarmos essa noite no Alto de Santa Catarina, num banco do jardim.

Ali comparecemos, e, pelas oito e tal, Aquino chegou.

— Ainda bem que não faltaram! — nos disse. Vem assistir ao meu bota-fora. Parto hoje, da madrugada.

— Para onde? — lhe perguntei.

— Para todo o mundo, respondeu.

A conversação derivou para assuntos alegres, da vida do «Grupo Água».

A certa altura, José de Aquino Pinto disse:

— Quero que nos fique desta noite uma boa recordação. Tenho aqui diaheiro. Faremos uma boa noite. Pode ser que seja a última da nossa vida em camaradagem!

Vasculhámos as algibeiras, eu e o Carlos, avaliando todos os nossos haveres de boémios, ao todo uns seis mil reis. Era muito dinheiro nesse tempo. Há já quarenta anos...

Passamos a noite distribuindo o tempo por uma «Casa de Icos», alguns botequins e o «Bar Francês», então novidade, situado por alturas do Corpo Santo (se não me engano). Havia lá uma francesa que nos tratava com toda a correcção, e que, quando nos via entrar, aos do «Águia», dizia sempre: «Bravo! Messieurs les bohémes!»

Aquilo, para nós, rapazes portugueses sempre a sonhar com Paris, era uma soberba honra. Valla mais que o hábito de Santiago, que então principiava a florir nas lapelas de alguns ináteis, que não tinham arte, nem sonho e nem sombra de vocação literária...

Quando nos separámos, com abraços que eram já de saudade, clareava a manhã.

Eu e Simões dirigimo-nos para as nossas moradas, que eram, a minha à rua de S. Bento, e a dele à Rua da Cruz dos Poiais.

José de Aquino afastou-se, a largos passos, para... o desconhecido.

A primeira correspondência recebida, foi de Setubal, datada de 10-12-1903. Dizia assim: «A falta de tinta vai a lúpis. Cê estou em Setubal, pátria do Bogaço, e de marcha para Villa Real de Santo António. Escrevam, no entanto, para Faro, posta restante, a Alberto Júlio de Sousa. Escrever-vos-ei, antes, uma longa carta de impressões de viagem. Saúde e Fraternidade. Recomendante Eugénio Vieira, e ao Valença. Desejo as melhores do Carlos Lopes.

A 18. escrevia de Alcácer do Sal: «A falta de lúpis, vai a tinta. Oh! o tempo horrível, a estrada horrível, a charneca horribilíssima do ainda mais horrível Alentejo! Chuva, vento, spleen, e as minhas pragas a mandarem o clima português aos quintos infernos. Mandem-me alguns jornais portugueses».

Vai caminhando sempre. Sobre o Alentejo diz: Léguas enormes, léguas extensamente tristes, por essas charnecas ermas e escaldadas, maculadas apenas pela verdacenta copa dos pinheiros, esclarecidas num horizonte de inverno, num azul claro...

Os montes, como chamam às raras fazendas esparsas nesses descampados, acentuam mais êsse aspecto de solidão pavorosa.

Oh! pobre gente resignada e triste, a quem o emsacido alvor traz essa longa jornada de trabalho sob o ardor cáustico do sol... pobre gente de olhos torvos, onde nada indica o sublimo verbo da revolta, esse instintivo desespero dos humildes!

O páua caminha sempre: «Beja, cidade branca e sem nada de notável.»

«Desce o Guadiana de águas revoltas e barrentas, que ameaçam a vida animal devido à exalação e sujidade das minas de S. Domingos, e finalmente aqui cheguei por uma noite fria, enregelado por cinco longas horas numa falda, sob o âmbito frio e constelado do céu».

Em 27 de Janeiro de 1906, depois de ter percorrido muitas terras dos vários países da Eutopa, escreve de Beyrouth: «Estou escrevendo um livro, o eterno livro em preparação, que cada escritor português deve possuir, e que é uma descrição das minhas viagens, memórias, cartas, etc., tudo misturado, talvez pouco agradavelmente. Envio-te um pedaço de uma novela: «História de Barraba», que é uma afirmação da vida operária da Grécia, invadida como o Levante pelo elemento operário estrangeiro.»

De Beyrouth escreve, novamente, em 9 de Abril do mesmo ano:

«Com as tuas missivas tão boas e tão ingénuas, deixas-me no cérebro como a infecção póstuma do meu desgostado vinte anos! O grupo Águia! As Palavras Cínicas! Irribus! Os ciceronis de Pompeia (in gazzol) les apaches de Pautruche (Paris). Oh! mince alors!... os camélos do deserto...»

As palavras Cínicas! Eu não preciso de ler êsse livro. Baste o título...

O Monte Líbano! Se ouviste falar ou lêste alguma coisa destas velhas serras, destas montanhas enterradas em meio dos desertos diversos e monótonos, (que me perdô, Chataubriand porque eu a êle não lhe perdô!) orlados pelo agitado mar da Síria, sai uma cousa, ou antes uma cousa de consolação. Jubile o António Ferreira e jubilem os nossos virrúculos e contemporâneos! Aqui fala-se o português! Quando treps



Carlos Simões

encostas a cima, ou quando escorregas pedregulhos abaixo e encontras um Libanês com o seu indispensável «barbouche» encarnado e as suas calças à zuavo e te saúda em árabe, para, (talvez primardiar a superioridade da sua língua sobre a nossa:

— Omarakbá! e depois: — O senhr fala português? Olhas para êle quando ignora a caus, com os olhos mais «auvergnats» do Puy de Dôme!

Eu exultei, e pela primeira vez da minha vida, depois que d'ei emigrei, rejubilei em tôdas as minhas desfadadas fibras de literato (?) português.

Entras numa aldeia libanês, onde os sinos badalam todo o dia, e onde as cruces se contam por centenares, e logo os rapazes gritam, os cães latem ou uivam, as galinhas correm, a gente chega à porta e olha e pergunta:

— Chu endi? brid onik paizonai? inglizi? americani?

— O que queres? onde vai? quem é? — E se não dizes aquela boa gente como te chamas e de que terra és, dão-te um par de pauladas que te deixam tonto.

Por um claro dia de sol e azul sereno, cheguei a Damasco, e ali soube que no Líbano há uma moléstia, que é uma ambição desmarcada, que leva aqueles pobre-ditos para o Brazil, de onde trazem dinheiro, e onde, em conclusão, aprendem a lingua de Camões!

A 10 de Dezembro de 1906, escreve:

«Atravessei aquele maldito deserto de Kantara a Gazza e cheguei. Aqui eu aborreo-me deliciosamente. Figura-te que passo o tempo fumando um orientalissimo «narghilé» que é barato porque custa somente 3 paras (3 réis) a vejo desfilar deante as «houris» mahometanas com a cara tapada e vestidas com um mau-gosto verda-

(Continua na página 28)

INSTITUTO DE BELEZA

DE

Madame

Marques Fuentes

R. de Santa Marta, 45-r/c

TELEFONE 44913

Deseja um Novo Ano muito feliz às suas Ex.ªs Clientes e Amigas.

A Companhia Nacional de Navegação AO SERVIÇO DO IMPÉRIO

continua a fazer intensamente o tráfego de passageiros e de mercadorias entre Portugal, a África e a América

INFORMAÇÕES:

SEDE: R. DO COMÉRCIO, 83
Teleg.: Ocidental-Lisboa e Pôrto
LISBOA — Telefones 2 3021 a 2 3026

SUCURSAL NO PORTO
Rua Infante D. Henrique, 73
PORTO — Telefone 1454

REFLEXOS DO MUNDO



O famoso trabalhista dr. Lasky

Um Instituto Universitário Internacional em Londres

Professores de muitos países europeus que fugiram à opressão nazi formaram na Grã-Bretanha uma Associação dos Professores Aliados e instam agora pela fundação de um «Instituto Universitário Internacional». Conforme foi dito pelo professor Mac Lean, numa reunião da Associação o Internacional dos Professores e Conferencistas Universitários, a proposta mereceu aprovação geral no meio universitário da Europa libertada e deveria em breve ser posta em prática. Trata-se de um centro internacional de compilação e de troca de informações sobre os estudos e organização das escolas superiores. Um outro fim seria manter relações íntimas entre as escolas superiores dos vários países e promover o intercâmbio dos seus professores e alunos. O «Bureau» Universitário do Império Britânico tem fins semelhantes e tem trabalhado com êxito dentro dos limites da Comunidade das Nações e do Império Britânico. Como fez o professor Mac Lean, o Instituto Universitário

pode vir a constituir um baluarte da liberdade e da colaboração intelectual.

A luta britânica contra as doenças dos olhos

Está a ser intensificada na Grã-Bretanha a luta contra as doenças dos olhos e cegueira. Foram abertas várias clínicas novas, apetrechadas com todos os instrumentos mais modernos. Por exemplo, o hospital de Olhos de Leeds adquiriu recentemente um electro-microscópio que custou 22.000 libras; no mundo há muito poucos destes aparelhos disponíveis.

A luta contra doenças ópticas — como disse o conhecido especialista de doenças de olhos da Grã-Bretanha, Sir James Marchand, durante uma conferência em Londres — tem grande importância não só filantropica como económica, por se poder evitar, graças a ela, perda considerável de mão de obra. Disse Sir James que, a par do tratamento, prossegue o trabalho de colocação dos indivíduos que perderam a vista em resultado da guerra. Há 300 espécies de trabalhos que os cegos podem executar. Actualmente, mais de 2.000 cegos estão empregados nas indústrias de guerra da Grã-Bretanha e mais 5.000 em ocupações especializadas ou em trabalhos domésticos.

Liberdade

Não há muito tempo um amigo americano dizia-me: «Já estou convencido de que vocês, ingleses, permitem a liberdade de palavra. Esta manha conduzia o meu carro através do Hyde Park quando ouvi um orador acusar a Polícia Metropolitana de brutal e corrupta. Parei o carro para ouvir, mas não parei o motor. Momento depois, vi um homenzarrão, membro da brutal e corrupta força, em minha direcção. Vamos ter fita — pensei. Julguei que o desancaria e o deixaria completamente aniquilado. Mas, quando chegou ao pé de mim, voltou-se, não para orador mas sim para mim delicadamente: — Poderia fazer o favor de parar o motor



do seu carro? Assim ninguém pode ouvir o que aquele gentleman está a dizer.

(World Digest)

Resposta a tempo

Uma senhora de Nova York, das minhas relações, deu um jantar aos seus amigos. Esperou que eles tivessem terminado e na altura em que saboreavam o

Uma imagem pitoresca de Londres

Durante a guerra, os empregados da limpeza, de chapéu alto e acompanhados de uma charanga, cujos instrumentos era feitos de velhos caixotes, percorriam as ruas da cidade, recolhendo livros sem importância que eram empregados no fabrico de papel em virtude da carência do artigo

café, acompanhado de um brandy, disse-lhes com o ar mais natural deste mundo:

— Tenho uma surpreza. A carne que comeram ao jantar era de cavalo.

Um dos convidados:

— Minha cara amiga tive essa impressão. Para a outra vez tire os jaezes.

(Transatlantic)

Maneiras de comer

Numa das casas fabricadas após a guerra, na Inglaterra, encontravam-se, além dos donos da casa, alguns convidados. Subitamente um dos convidados, fez sinal para que se calassem:

— Vocês têm a certeza de que não há ratos cá em casa? — perguntou-lhe.

— Não são ratos — retorquiu a dona da casa — são os nossos vizinhos que estão a comer alpc.

(Answer)



A vida voltou a Singapura



Um criminoso de guerra japonês trabalhando no Japão



LORD KEYNES ★

As votações que, tanto na Câmara dos Lordes como na Câmara dos Comuns, consagraram as negociações conduzidas demoradamente em Washington para a realização dum empréstimo americano à Grã-Bretanha, tiveram uma significação especial. «Não se trata dum empréstimo para a realização de quaisquer fins sumptuários, declarou o sr. Bevin, Secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, no final do debate que se travou nos Comuns. Trata-se dum empréstimo destinado à compra de géneros e artigos essenciais à vida do público britânico e de maquinismos e utensílios destinados a pôr em movimento a máquina industrial da Grã-Bretanha». Este resumo fala, com suficiente clareza, das razões que levaram os membros do parlamento britânico a aprovar o empréstimo com votações significativas.

Mas o debate na Câmara dos Lordes teve a valorizá-lo a intervenção do principal conselheiro técnico da delegação britânica durante as negociações Lord Keynes. Pela sua categoria, pela sua situação na vida da Grã-Bretanha e pela sua reputação mundial, Lord Keynes conquistara, há muito, os melhores títulos ao reconhecimento, não apenas dos seus compatriotas mas de todos os seus contemporâneos. Nenhuma voz, como a sua, se ergueu com um desassombro, que ficará constituindo o melhor título de honra de toda a sua carreira, para criticar, em termos duros, as loucuras e os desmandos praticados ou consentidos pelos dirigentes dos países vencedores durante o período que se seguiu ao termo da primeira conflagração mundial.

Infelizmente a sua palavra e o seu conselho não foram escutados numa altura em que tudo seria possível ainda evitar. Nem por isso a sua acção se tornou menos meritória e os homens ficaram em condições de registar as suas previsões.

CRÓNICA INTERNACIONAL

O ANO QUE FIMDOU

O ano de 1945 foi assinalado por acontecimentos da maior importância para a vida e para o futuro da humanidade. O seu decurso aparece dominado por dois episódios capitais: o termo da guerra em todo o mundo e a construção dos alicerces sobre os quais deve repousar a paz. A rendição incondicional da Alemanha e do Japão, respectivamente em Maio e Setembro, e a realização da Conferência de São Francisco constituem, por isso, os factos que dominam, de longe, todos os outros ocorridos durante esse ano de significação histórica.

O bloco totalitário, que em determinado momento chegou a representar a mais grave ameaça, para os destinos da espécie humana, dadas as suas tendências expansionistas e hegemónicas e dada, sobretudo, a filosofia e a ética que estavam na raiz dos actos praticados pelos seus dirigentes, foi irremediavelmente derrotado após seis anos duma luta que deve considerar-se sem precedentes, pela violência com que decorreu e pelas características desumanas de que se revestiu.

As próprias condições excepcionais em que a guerra decorreria faziam prever que a organização da paz não constituiria uma tarefa fácil para os povos que desejam ver definitivamente removidos todos os factores que podem conduzir à eclosão duma nova catástrofe. Ninguém tem hoje dúvidas de que, se esta proventura viesse a desencadear-se, dada a eficiência e o carácter mortíferos das novas armas, a nossa civilização, com todas as suas conquistas e realizações nos domínios da moral e da técnica, correria um risco mortal do qual certamente se não salvaria.

Esta circunstância exige dos homens que se encontram à frente dos destinos dos povos a realização duma tarefa que não tem termo de comparação com a obra dos políticos e diplomatas que, no decurso da história, assumiram o encargo de construir, sobre os escombros das grandes conflagrações, os fundamentos da nova ordem. Não deve, por isso, estranhar-se que a preparação e a organização de paz se revelem desta vez muito mais difíceis e exigentes do que em épocas anteriores. As constantes tradicionais que condicionavam a vida e a evolução de cada continente, e esta regra é sobretudo válida no caso da Europa, foram, em parte, substituídas pela intervenção de factores novos, durante muito tempo imprevisíveis para os homens de Estado.

A política aparece complicada pela intervenção da economia e da técnica. A diplomacia vê a sua tarefa agravada pelo carácter premente das reivindicações sociais e da influência crescente das massas na direcção dos negócios públicos. Personalidades vigorosas, como D.raeli e Bismarck, Telletrand e Melternich teriam que adaptar as suas características originais às exigências, cada vez mais imparáveis, do nosso tempo.

Para os homens que, neste momento, se encontram à frente dos países de cuja colaboração activa e eficaz depende, fundamentalmente, a obra de construção da paz, não se trata apenas de impedir que os vencidos possam, de novo, erguer-se do abismo da derrota em que foram lançados pelas suas próprias ambições e violências. Essa era a missão dos políticos e dos diplomatas que tomaram parte no Congresso de Viena e na Conferência de Versailles. Trata-se, agora, de estabelecer as condições que devem tornar impossível a eclosão de novos conflitos. Numa palavra, trata-se de estabelecer o primado do direito e da justiça nas relações internacionais.

O OBSERVADOR

A segunda Conferência de Moscovo

A reunião, pela segunda vez, em Moscovo dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e da U. R. S. S. é um episódio que não pode passar despercebido no meio da confusão que a guerra e as suas repercussões imediatas provocaram por toda a parte. A primeira Conferência de Moscovo, que se reuniu na capital soviética em outubro de 1943, quando a guerra entrava numa fase decisiva, assinalou o começo da cooperação efectiva entre os vencedores. Foi nelas que se lançaram as bases da estratégia cuja aplicação conduziu à vitória, e pela primeira vez se fez a afirmação fundamental de que, depois de haverem ganho a guerra em comum, eles se propunham construir em comum a paz.

A execução dessa promessa tem levado à convocação duma série de outras reuniões, Teherão, Yalta, Postdam, Londres. Novas reuniões se anunciam, entre elas uma dos representantes das grandes potências para o próximo mês de março, em Washington. Isto indica que, apesar das divergências profundas que se têm registado e que não haveria qualquer interesse em disfarçar ou negar, o regime das negociações substituiu o sistema dos factos consumados que tanto contribuiu para dificultar e demorar a realização da obra construtiva que as ruínas acumuladas pela guerra, tornam urgente e imprescindível.

A Liga das Nações

Está marcada para os primeiros dias de janeiro, embora não tenha sido, por enquanto, fixada definitivamente a data, a realização da primeira Assembleia da Liga das Nações Unidas cujo estatuto foi elaborado em Dumbarton Oaks e aprovado na Conferência de S. Francisco. Os povos vão, assim, ter, pela primeira vez, uma oportunidade para afirmarem a sua vontade e manifestarem abertamente as suas intenções. Isso permitirá avaliar o grau de colaboração que cada um deles dará a esse organismo de segurança de cuja eficácia depende a realização de uma paz estável.

A decisão de instalar a Liga das Nações Unidas em territórios dos Estados Unidos foi tomada, por maioria de votos, não estando nela representados vários países europeus cuja colaboração certamente se revelará da maior utilidade.

MUNDO GRÁFICO

Director: ARTUR PORTELA

Chefe de Redacção e Editor: REDONDO JÚNIOR

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

REVISTA QUINZENA

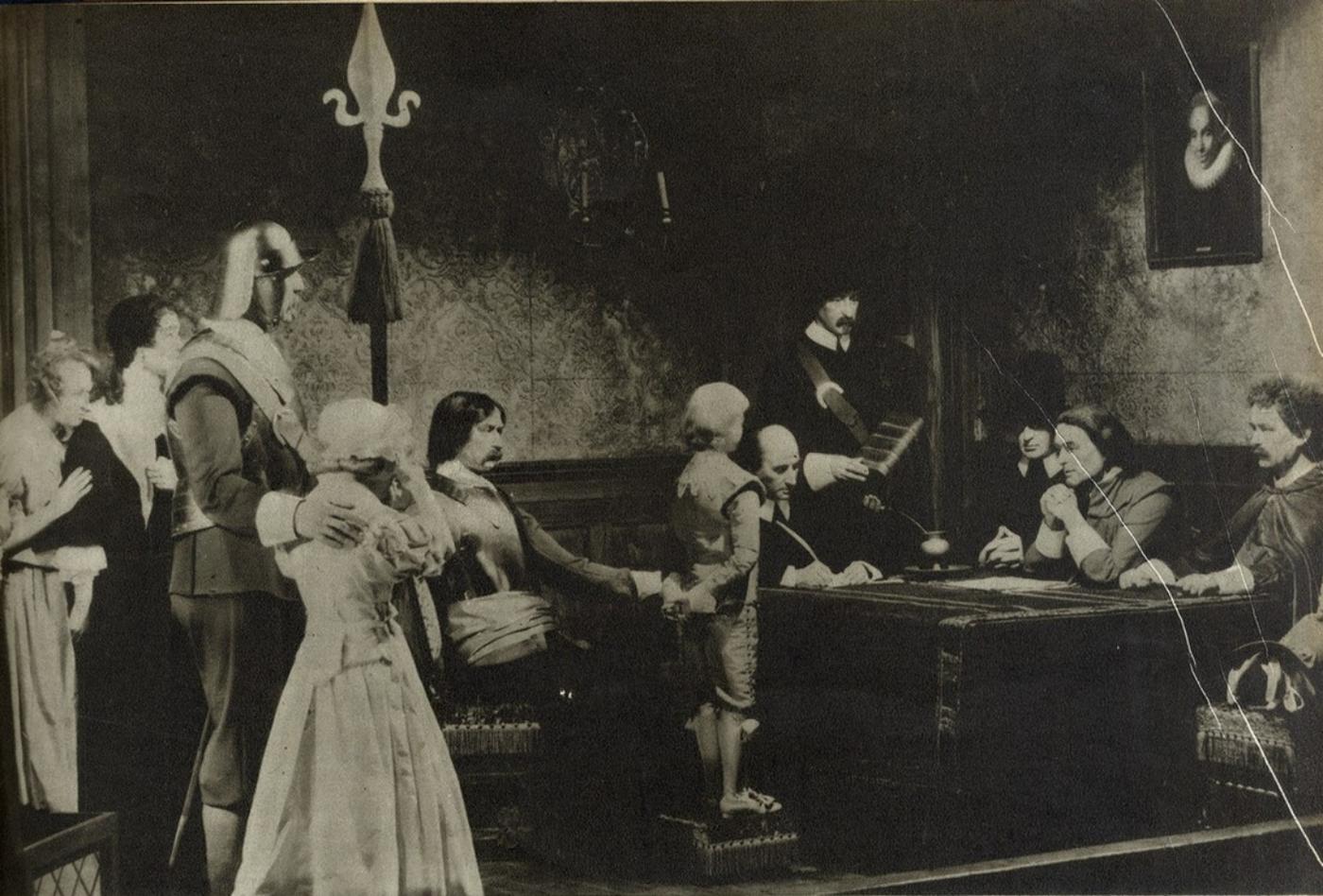
PROPRIEDADE DO MUNDO GRÁFICO, LDA.

Composição e impressão: Neogrevure, Lda. — Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 e 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1880

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Uma maravilhosa reconstituição histórica, em que as figuras são extraordinárias de realidade. Diz-se-ia que vivem

UM MUNDO DE CÊRA

por *PHYLLIS LOVELL*

Um cortejo da história da Grã-Bretanha, através dos últimos dez séculos, com figuras de tamanho natural, cujos rostos modelados em cêra são tão reais que parecem respirar e mover-se, grupos de personagens envergando as vestes coloridas ou trajos de outros tempos dispostos à maneira de quadros vivos — eis a exposição de Madame Tussaud, em Londres.

Já lá vão 143 anos desde que Madame Tussaud montou, em Londres, a sua exposição de figuras de cêra e, de então para cá, tem sido um dos espetáculos que a cidade oferece ao visitante. Em cada ano um milhão de pessoas, visitas vindas do estrangeiro assim como nós que vivemos na Grã-Bretanha, vão ver a exposição. É ainda um divertimento perguntar o caminho a um empregado que está de pé num corredor e descobrir que ele é feito de cêra; falar com admiração do modelo de um polícia e descobrir que ele é feito de carne e osso. São tão naturais as figuras de cêra que é vulgar cometerem-se estes erros e cometem-se por todo o estabelecimento, visto que o pessoal colabora na brincadeira.

Cenas históricas destruídas

Estão em exposição mais de 400 modelos. Alguns destes são substituídos de tempos a tempos mas os de carácter histórico, os reis e as rainhas e as grandes personalidades da Grã-Bretanha e de outros países, esses ficam. Uma cena célebre, a assinatura da Magna Carta, em 1215, pelo João Sem Terra, a Carta das Liberdades



Churchill e Eisenhower também figuram no Museu. São de flagrante semelhança

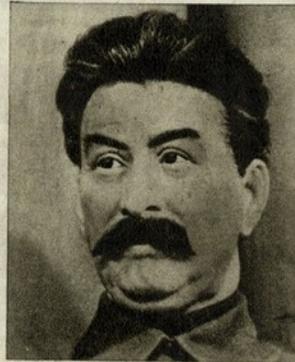


Um correspondente de guerra americano «fala» com os principais ministros do Governo de Churchill. Da esquerda para a direita: Alexander, (sentado) Beaverbrook (sentado) Casey, Churchill, Eden (sentado), Anderson, Stanley (sentado) e Berin

sobre a qual se funda a lei da Grã-Bretanha, desapareceu temporariamente. Bombas incendiárias alemãs destruíram parcialmente a sala onde estava e este, assim como outros quadros célebres, não pode ainda ser substituído devido à falta que há hoje na Grã-Bretanha de artistas adestrados, na cera de fina qualidade, necessária para a modelagem e, sobretudo, dos materiais e da mão de obra para fazer os traços complicados daquela época. Todavia, na Sala dos Reis,

está outro modelo do próprio João Sem Terra que, felizmente, escapou ao ataque aéreo e que completa a coleção inteira dos monarcas da Grã-Bretanha.

A exibição retrata acontecimentos tópicos assim como incidentes históricos. Quaisquer figuras que se torne célebre no mundo, quer seja notável quer notório, pode all ver-se, pelo menos enquanto tem interesse para o público. Lá, se encontra Charles Chaplin, que há muitos anos ocupa o seu lugar entre as estrélas do palco e do cinema embora outros dêsse mesmo grupo te-

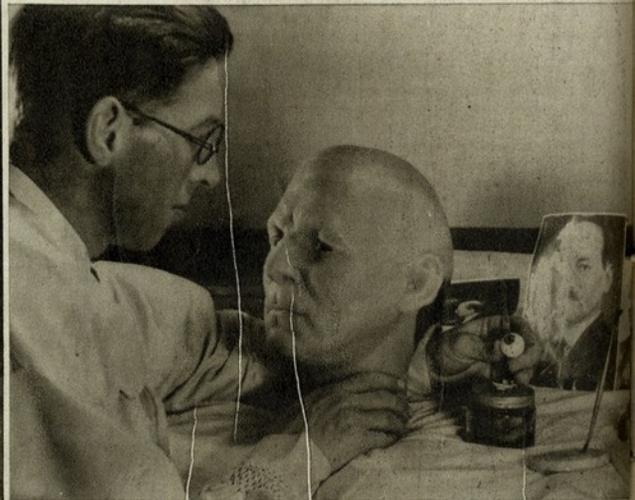


Também lá aparece o generalíssimo Staline

(Continua na página 29)



O Rei João Sem Terra



Bernard Tussaud, o escultor das figuras de cera, coloca os olhos de vidro na cabeça que será a do Primeiro Ministro, Cleo ent Attles

Boas Festas e feliz Ano Novo
Para todos os meus amigos em Portugal.
Deanna



BOAS FESTAS

Deanna Durbin, a mais linda estrela de Hollywood, envia-nos esta graciosa mensagem de beleza e mocidade. Numa aleluia de esperança, ela deseja que este Ano Bom seja o melhor de todos os séculos, passados e futuros, o ano-diamante da paz no mundo, no cadeia eterna do tempo e das gerações



A governanta, Mrs. Danvers (Mrs. Halleck Rose), faz compreender a Mrs. de Winter que ninguém lhe quer bem naquela casa e que portanto bem pode deixar-se escorregar e cair, ninguém sentirá a sua falta



A cena do vestido é capital. Naquela peça de pano como que palpita todo um doloroso passado



Mrs. de Winter (Mrs. Ashley Clarke) fala ao procurador de seu marido, Frank Crawley (Mr. Lance Rawes)



Mrs. de Winter (Mrs. Ashley Clarke) fala ao procurador de seu marido, Frank Crawley (Mr. Lance Rawes)



Durante o inquérito que se segue à descoberta do barco de Rebecca contendo um cadáver, Mrs. de Winter desmaia nos braços do marido



Mrs. de Winter (Mrs. Ashley Clarke) pede a Maxim, seu marido (Mr. Ashley Clarke) que lhe atire uma rosa branca para usar com o seu vestido de máscara e com que vai surpreender toda a família e todos os amigos

UMA REPRESENTAÇÃO ELEGANTE DE "REBECCA"



A governanta, Mrs. Danvers (Mrs. Halleck Rose) tenta induzir Mrs. de Winter a usar um vestido de cerimónia dum antepassado dos de Winter, no baile de máscaras que vai ser realizado nos salões de Manderley

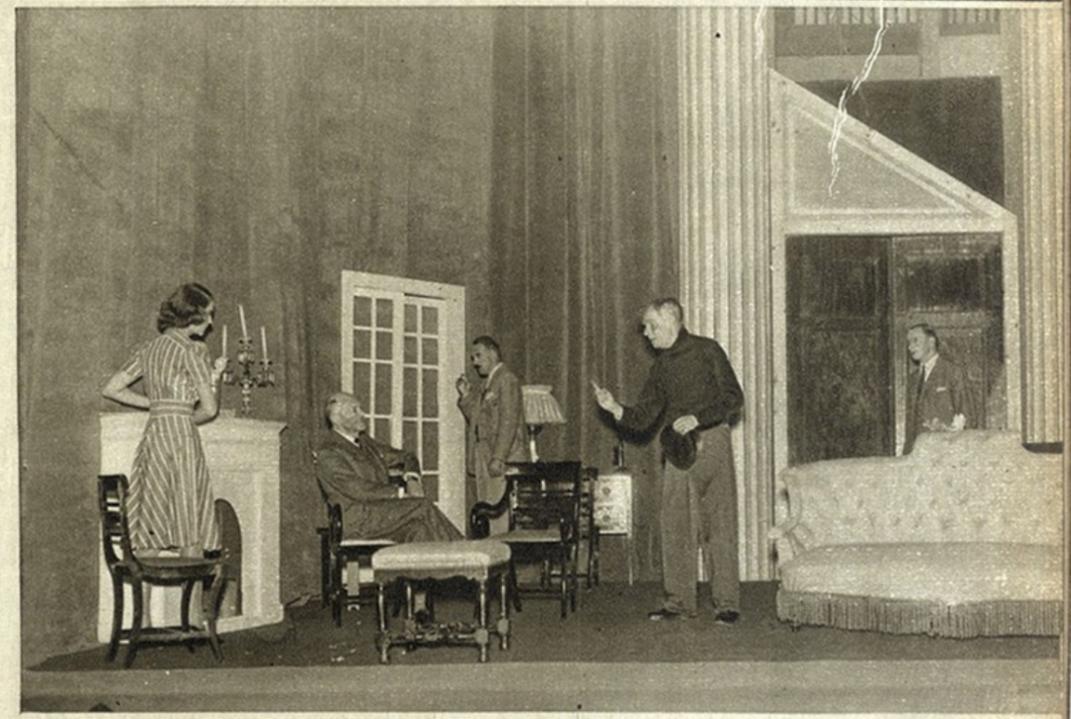
DEPOIS do extraordinário êxito alcançado com a representação de «The Importance of being Earnest», o Grupo de Amadores Dramáticos de Língua Inglesa não podia deixar, por ali, a sua obra de divulgação teatral. E, tem dado, de facto, verdadeiras lições. É um conjunto magnífico, digno de qualquer companhia de profissionais, em que se nota, até, um factor, de extraordinária importância que, nem sempre existe entre os que ganham a vida no palco: disciplina.

Desta vez, o Grupo de Amadores Ingleses teve de arcar com a responsabilidade de uma peça difícil: a adaptação teatral do romance «Rebecca» de Daphne du Maurier. O público se já conhecia o romance, tinha ainda a extraordinária sugestão do filme. O confronto era arriscado para os excelentes amadores ingleses, mas eles, desde a encenação, até

o ambiente criado nos mínimos pormenores e à representação, souberam remover todas as dificuldades e tirar este resultado que diz tudo: vencer.

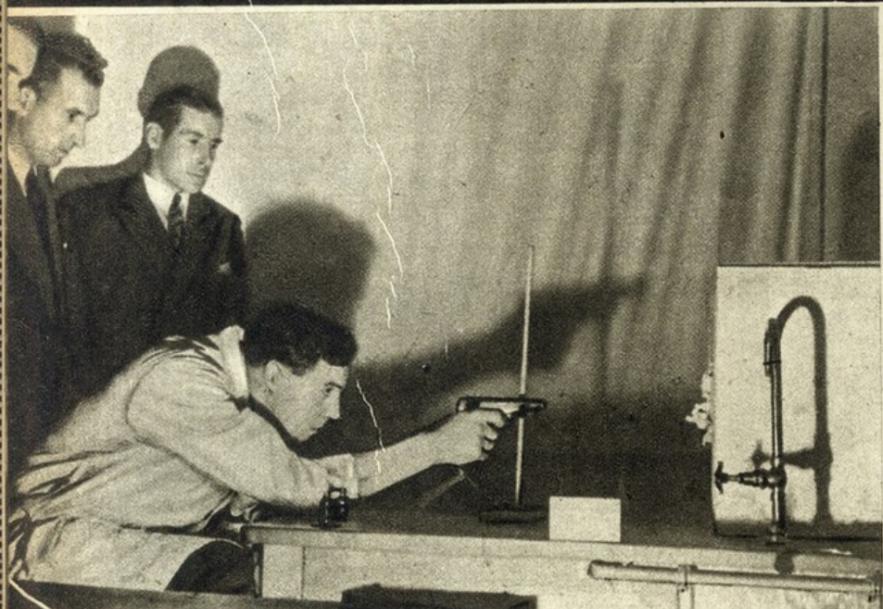
Mr. Ashley Clarke, ministro da Grã-Bretanha em Lisboa, e sua esposa, desempenharam — e brilhantemente — os protagonistas; o casal de Winter. Mrs. Halleck Rose, no papel da antipática governanta, fanaticamente amarrada à memória de sua ama — «Rebecca», — foi magnífica. Horace Zino, adido de Imprensa junto da Embaixada britânica, teve a seu cargo as únicas notas de bom humor que salpicam a peça, no papel de Giles Laey, que fez com grande relêvo. O cínico Jack Favell foi representado por Mr. Francis Stilwell.

Não há dúvida que o Grupo dos Amadores Dramáticos de Língua Inglesa não deve parar aqui a sua excelente obra teatral

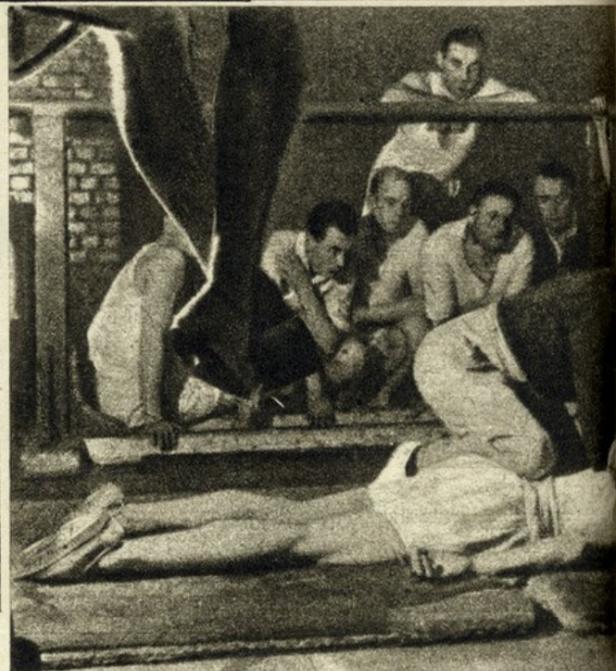


Tabb, o construtor do barco de Rebecca, explica como é impossível este ter-se afundado sem ser propositalmente. Da esquerda para a direita Mrs. de Winter (Mrs. Ashley Clarke), o Coronel Julyan (Mr. Arthur Arnaud), Maxim de Winter (Mr. Ashley Clarke), Tabb (Mr. G. Gibbon) e Frank Crawley (Mr. Lance Rawes)

QUERE SER DETECTIVE? APRENDA NESTA ESCOLA



Uma aula de balística. O aluno faz fogo. Pelo efeito do projectil e pelo exame do orifício produzido, muitas deduções podem fazer-se, de extraordinária importância, para a descoberta do crime mais misterioso



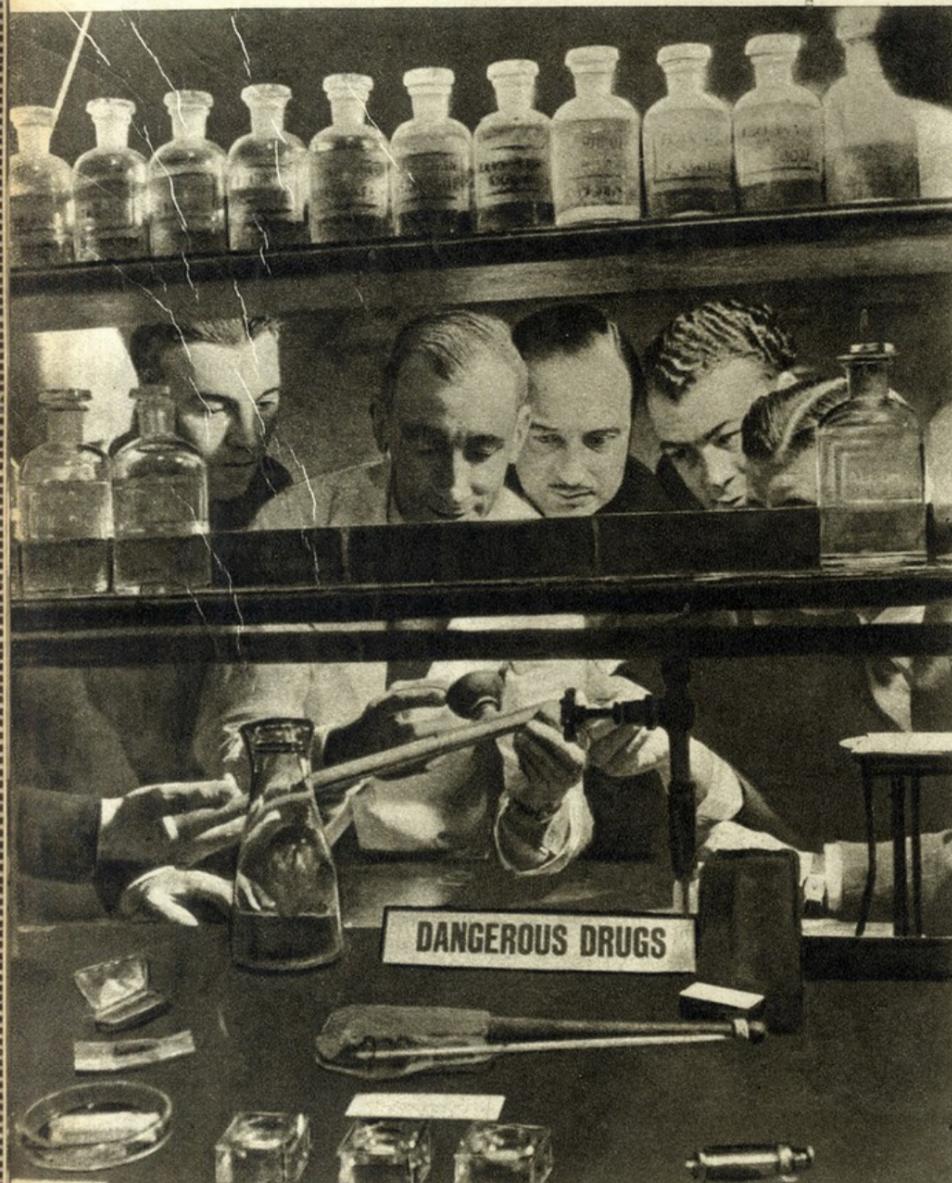
Todos são atletas completos. Sobretudo, lutadores inventivos e mais hábeis



No ginásio, aprendem-se aqueles golpes a que não resistem os rufiões



A reconstituição de um crime. O mestre indica tudo quanto é necessário observar para que do simples exame do local possa resultar a pista que leve à descoberta do criminoso



No laboratório de química. O professor Danbney explica a importância de uma análise para a orientação de certas investigações. Sim, porque, às vezes, basta uma simples confusão entre sangue humano e sangue de um animal qualquer para um criminoso escapar

COMO SE DESCOBRE UM CRIME

UMA escola metropolitana de detectives acaba de ser instalada em Heudon, Middlesex, e faz parte de um importante plano da Scotland Yard, a Polícia Criminal mais conhecida em todo o mundo. Quem há por aí que não tenha dúvida falar da Scotland ou não tenha lido o seu nome em centenas de romances policiais?

Pois a escola criada, agora, dará novos «cases» à Scotland Yard. O curso é de oito semanas para os inspectores e sargentos e de dez semanas para os policiais.

E', actualmente, frequentada por cem alunos, cuja instrução é superiormente dirigida pelo famoso detective Leonard Rundle, que completou 31 anos de serviço na Polícia Metropolitana. E' um oficial distinto, com larga fôlha de serviços. Como auxiliar escolheu os inspectores C. C. Oven, C. Macdougall, C. G. Green e A. Webb, que podem dispor, em qualquer momento, da colaboração dos melhores médicos, cientistas e advogados.

O curso é, como pode calcular-se, bastante difícil, pois os alunos têm de fixar milhares de regulamentos, estudar tudo quanto se refere à lei criminal e assuntos de Direito.

Como as autoridades crêem que um detective, fisicamente, deve ser 100 por cento perfeito, a escola dispõe de um ginásio completíssimo. Dá-se grande importância à defesa em combate desarmado, para que os policiais possam dominar, em qualquer altura, o criminoso mais resistente. Todo este trabalho está sob a direcção do coronel Harold Fairburn, que treinou os famosos «Comandos».

Os escritores dos livros policiais dar-lam tudo para que os deixassem à vontade nos laboratórios da escola. Encontram-se ali verdadeiras maravilhas científicas, como o microscópio de comparação, que permite analisar, simultaneamente, e em pormenor, duas balas, podendo certificar-se se foram disparadas pela mesma pistola. Depois, há o es-

(Continua na página 29)



Como se examinam objectos relacionados com o crime. O Inspector Cutlibert sabe muitíssimo bem — e diz isso aos seus alunos — que não se deve desprezar qualquer pormenor por mais insignificante que pareça



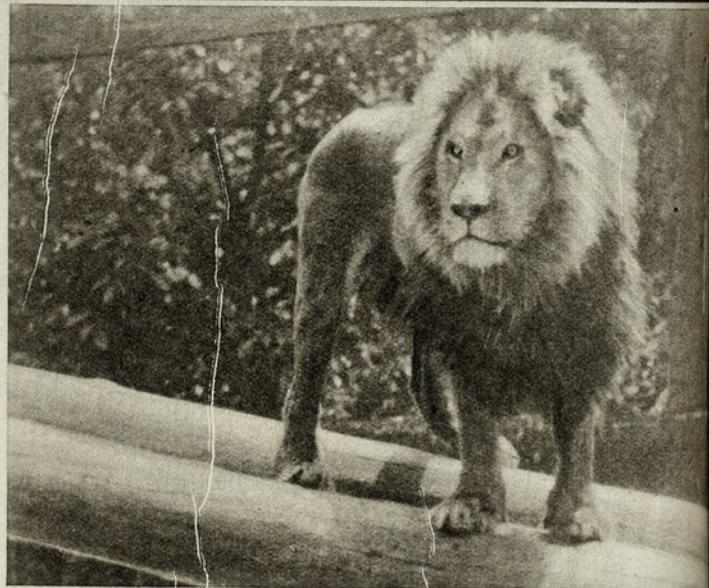
Um crâneo que foi atingido por uma bala. No próprio orifício pode encontrar-se a chave do enigma. A trajetória do projectil diz, muitas vezes, o mais importante da questão



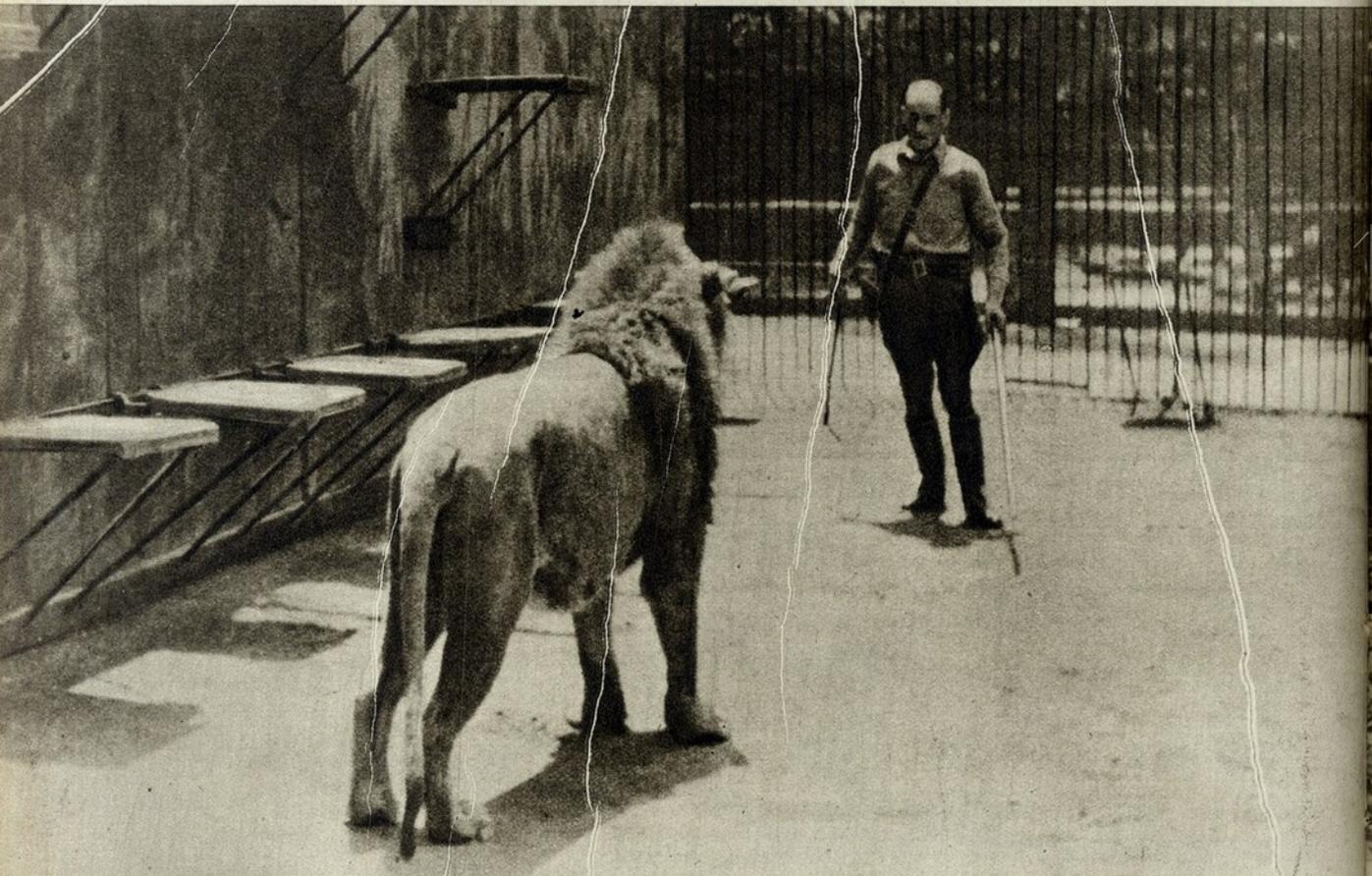
É preciso coragem para entrar no domínio do rei da selva, mas mais ainda para sair. Este domador cobre a retirada, protegendo-se com a clássica cadeira

QUANDO OS LEÕES RUGEM

Na Califórnia existe um parque, onde vivem 350 leões, que vão fornecer os zoológicos de todo o mundo e os estúdios de Hollywood



Sua majestade o leão em toda a sua feroz grandeza. É um magnífico exemplar e na sua existência já conta algumas trágicas façanhas



Antes do público, nos circos contemplar um destes animais, em relativo estado de urbanidade, são necessários prodígios de subtileza e audácia

OUTRO dia, na Itália, quando um combóio com alguns vagões de mercadorias, deslizava, vertiginosamente, por um dos mais belos e tranquilos rincões daquele país, deu-se uma cena tão imprevisível como dramática que nenhum realizador de Hollywood pensou alguma vez em aproveitar para o écran. Numerosas feras! leões, tigres, panteras e serpentes, pertencentes a um circo, que viajavam num combóio, conseguiram a certa altura evadir-se das jaulas e foram aparecer nas carruagens repletas de passageiros. É fácil visionar o drama. Seguir o rasto das feras que, com o combóio em marcha, pulavam de vagão para vagão, em saltos de temerosa acobracia. Uma, aproximavam-se de mansinho das pessoas, com passos forrados de veludo, outras, rugindo ou ulvando, ameaçadoramente. As grandes e grossas serpentes enroscavam-se em arabescos, insinuando-se ao longo dos engates ou nos estribos para depois se agarrarem às portinholas até que, numa volúpia espiralada, metiam a cabeça diabólica pelas janelas. E o combóio seguia sempre a tóda a velocidade, no meio daquele horror atroz de pessoas mordidas ou sucumbidas de pânico alucinante, como se estivesse em plena selva, embora cortando o ambiente agora tranqüilo da civilização europeia.

Temos que confessar que a realidade, excede, largamente, a mais portentosa ficção. Este acontecimento tétrico, incluído numa produção cinematográfica, faria sorrir os espectadores de uma sensibilidade apurada.

— Puro *guinholl!* — diriam.

Para que os leitores recuperem a calma oferecemos-lhe aqui estas esplêndidas imagens de um leão domesticado. O rei dos animais com a sua juba fulva, mostra, apesar do acerado dos colmilhos e das garras, talvez desembainhadas como punhais, compreender inteligentemente, o que dele pretende o domador. Todavia,

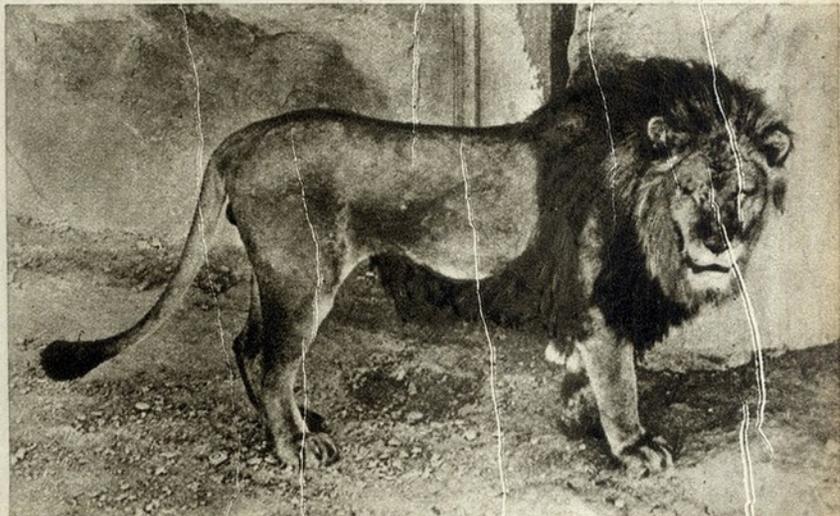
(Continua na página 28)



Uma estupenda lição de equilíbrio plástico. Se um dos bichos se arrependesse, o homem, que está em baixo, ficava feito em tiritas



Se algum dos Tartarins portugueses quizer experimentar, o domador não se importa de dar a alternativa



O leão ao natural, desconfiado com o fotógrafo, que lhe faz um «goas plan» a poucos metros de distância



Eva Braun participava também nestas cenas de falso romantismo. Os Romeus, porém, não traziam no coração a chama imortal do amor — guardavam um ódio que caíra sobre os povos civilizados. Enquanto as personagens desta cena de teatro fingiam de civilizadas, milhares de inocentes morriam esfacelados pelas bombas dos aviões alemães

QUANDO os povos já pressentiam a ameaça dos generals-nazis da Alemanha; quando a espionagem teutônica invadia todas as capitais da Europa; quando Hitler arranjava para uma multidão bestializada por um fanatismo político da «necessidade do espaço vital», de uma Alemanha constituída por cem milhões de arianos puros que dominassem o resto do mundo; quando os seus marchais faziam tremer o mundo sob as suas botifarras; a Alemanha era um verdadeiro paraíso... para eles — os militares, os polícias da G. E. S. T. A. P. O. os magnates da indústria de guerra e outras personalidades que neste momento estão a ser julgadas pelos seus crimes; quando tudo isto e muitas outras coisas existiam no III Reich, também havia na Alemanha um mundo de prazer para os senhores Goebbels, Goering, Ribbentrop e outros de igual jaez. Eram eles quem tinha o seu mundo à parte, que viviam como Césares de papelão; que se faziam rodear de mulheres e de prazeres, de música e de champanhe.

O resto, o mundo que estava fora do âmbito do nazismo, era constituído por subgente, os que seriam futuros escravos dominados pela falsa su-

(Continua na página 30)



Parecem ter compostura. Contudo, deve ser falsa, ou superficial. Todo este requinte desaparece ao grito bárbaro de matar — por ordem do «Führer»



Esta saudação é tão incerta como a vida da homenageada — dum momento para outro pode desaparecer. Basta que não obedeça a Hitler



Uma cena que seria delicada... se não fosse alemã. Não se concebe delicadeza num povo que matou crianças pelo gosto ferino de matar

AS DELÍCIAS DO III REICH



Como se fosse uma deusa, a irmã da amante de Hitler, recebia as homenagens dos seus servís admiradores. Talvez não fossem sinceros os louvores. Era preciso mostrar obediência ao partido



O casamento da irmã de Eva Braun, Entre a assistida estão o famigerado Himm'ler e o não menos odioso Barmann



Eva Braun e sua irmã. Dos seus rostos nada se desprende. Estarão a tratar de problemas sentimentais, ou falarão das altas virtudes... dos chefes tirânicos?

IMAGENS DO MUNDO



Uma vítima dos japoneses. Pesa menos de que uma criança e a vida parece que vai abandoná-lo



Mulheres e crianças internadas em campos de concentração em Singapura, foram libertadas. Regressam agora, aos seus lares e divertem-se, o melhor que podem, a bordo do vapor inglês que as transporta



Os regimentos escoceses, com as suas célebres bandas de gaitas-de-foles desfilam, marcialmente, em Lubeck, na Alemanha, durante uma parada militar



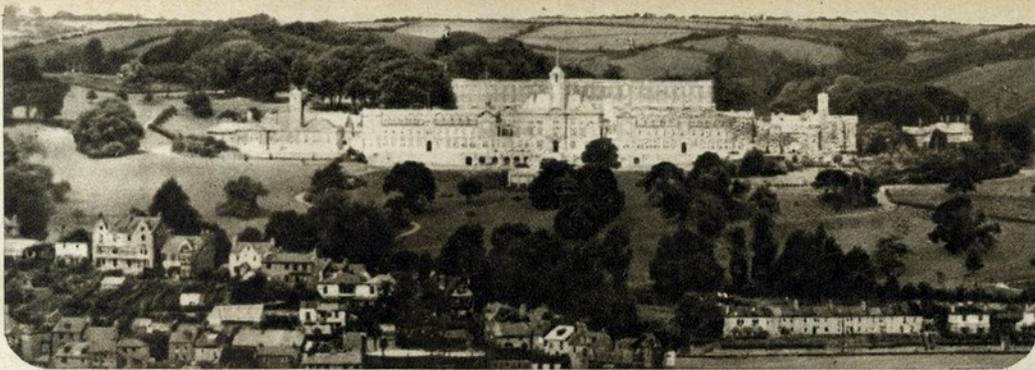
Soldados alemães, envergando ainda uniformes, trabalham sob vigilância, na remoção de sucata

Magnates da indústria de guerra alemã de Dortmund, que foram presos, são interrogados por um agente da Polícia de Segurança britânica

CRIMINOSOS DE GUERRA



Na bancada da frente, a começar do fundo: Hermann Göring, Rudolf Hess, Joachim von Ribbentrop, Wilhelm Keitel, Alfred Rosenberg, Hans Frank, Wilhelm Frick, Julius Streicher, Walter Funk e Hjalmar Schacht. Na segunda bancada, também a começar do fundo: Karl Donitz, Erich Raeder, Baldur von Schirach, Fritz Sauckel, Alfred Jodl, Franz von Papen, Artur Seyss-Inquart, Albert Speer, Constantin von Neurath e Hans Fritzsche



A ESCOLA NAVAL DE DARTMOUTH

TODOS os cadetes ou oficiais que se destinam à Marinha de Guerra Britânica — que não é a mesma coisa que a Real Reserva Voluntária Naval — passam por Dartmouth, uma escola única no género, nos Serviços Armados, pois combina a instrução geral com o treino naval. Esta escola preparou um número constante de recrutas durante todos os anos de guerra, muito embora, devido aos bombardeamentos, não funcionasse na sua magnífica sede, no antiqüíssimo porto de Dartmouth, no ocidente da Inglaterra.

Seguindo a tradição dos últimos 200 anos, a idade mínima para a entrada na Escola Naval é de 12 anos e meio. Estabelece-se grande concorrência porque os rapazes que têm gosto pelo mar resolvem-se cedo. É por isso que os cadetes continuam a sua instrução geral em Dartmouth. Não vão, porém, para o mar — excepto numa viagem de treino — até saírem da escola como aspirantes. O grande almirante inglês Nelson embarcou, de facto, como moço, quando tinha 12 anos de idade.

Nos primeiros tempos da vida marítima da Inglaterra os oficiais que embarcavam faziam parte da comitiva do comandante: — não recebiam instrução em terra. Tanto podiam ser rapazes de onze anos como homens adultos. Graças a esta entrada como «criado do comandante», um rapaz tratava de aprender o que pudesse e como pudesse e a sua carreira futura dependia, inteiramente, dos seus próprios esforços. Alguns comandantes recebiam o soldo para uma comitiva de vinte, mas só levavam dois ou três «criados» de modo que, para corrigir este abuso, o grande administrador naval e diarista, Samuel Pepys, inaugurou uma entrada para o serviço denominada «Os Rapazes das Cartas Régias». Eram eles rapazes recomendados para os diversos navios, teóricamente, pelo Rei, de facto pelo Almirantado. Isto pôs cõbro ao desfãro dos comandantes.

Em 1729, o Almirantado instituiu, nos estaleiros de Portsmouth, uma Academia Naval onde rapazes de valor recebiam instrução durante três anos, mas foi morrendo aos poucos, até que finalmente, em 1857, se inaugurou o sistema segundo o qual um cadete tinha de passar um exame para poder embarcar num navio-escola. O primeiro navio-escola foi o «Britânia», — estabelecido em Portsmouth em 1859 — que depois se deslocou para Portland e mais tarde para

Dartmouth. Em 1905 abriu a Escola de Dartmouth. Dois anos antes, abrira outra em Osborne, na Ilha de Wight e, até 1931, quando esta fechou, os cadetes faziam parte do seu curso em cada uma destas duas escolas. De então para cá, os cadetes têm estudado em Dartmouth, excepto durante o período da guerra que acaba de terminar em que se mudou para Eaton Hall, o solar do Duque de Westminster, situado no condado de Cheshire. Está agora a tratar-se do seu regresso a Dartmouth. Na Escola de Dartmouth a rotina adoptada é a de bordo. Possui um tombadilho, uma bandeira e os sinos de um navio. Os oficiais andam uniformizados. Clarins tocam a alvorada, e continência à bandeira, o arriar da bandeira, ao pôr do sol, e o silêncio. O ambiente é todo naval.

O curso dura três anos e três quartos. Todos os cadetes seguem o curso geral, mas podem especializar-se mais tarde em artilharia, torpedo, navegação, etc., ou como engenheiros navais. Os pedidos de admissão fazem-se por intermédio do Secretário Particular Ajudante do Primeiro Lord do Almirantado e todos os candidatos que satisfazem as condições de idade e nacionalidade são convidados a apresentar-se perante a Comissão de Entrevistas. Esta comissão classifica os rapazes segundo a opinião que formou colectivamente sobre as suas aptidões para o serviço e envia relatórios sobre o assunto ao Primeiro Lord do Almirantado, que escolhe um número conveniente de candidatos. Estes submetem-se então a um exame sobre assuntos de instrução geral e os que passarem e forem apurados numa junta médica são admitidos como cadetes na Escola de Dartmouth. Concede-se um grande número de bolsas de estudo e de matriculas gratuitas para permitir a entrada de rapazes de todas as camadas sociais.

Nos anos normais do tempo de paz entram cerca de 120 candi-

(Continua na página 30)



A estátua de Britânia à entrada da escola

tórios sobre o assunto ao Primeiro Lord do Almirantado, que escolhe um número conveniente de candidatos. Estes submetem-se então a um exame sobre assuntos de instrução geral e os que passarem e forem apurados numa junta médica são admitidos como cadetes na Escola de Dartmouth. Concede-se um grande número de bolsas de estudo e de matriculas gratuitas para permitir a entrada de rapazes de todas as camadas sociais.

Nos anos normais do tempo de paz entram cerca de 120 candi-

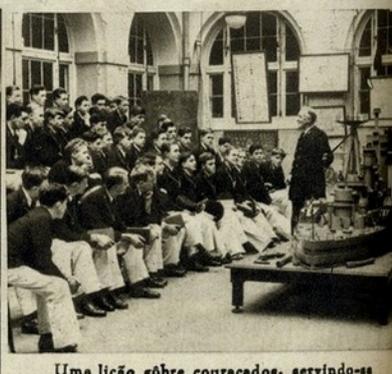
(Continua na página 30)



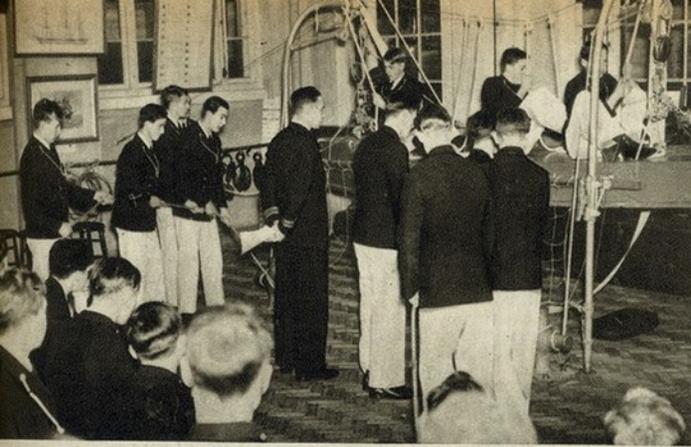
Uma aula



Um aparelho móvel para ensinar os cadetes a governar um navio no



Uma lição sobre couraçados, servindo-se o professor de um modelo para melhor elucidação dos seus alunos



Instrução prática do manejo de barcos salva-vidas



Uma lição de sinalização



Alar um cabo em linha



Uma lição prática da arte de marinheiros



Oficina de serralheiro



Oficina de modelagem



Um dormitório. Cada rapaz tem o seu armário



Sala de leitura da escola, onde os rapazes encontram jornais e revistas



A tarde de sábado é dedicada ao desporto



O refeitório da escola

OS GRANADEIROS DA GUARDA

pelo major T. J. EDWARDS

NO fim da memorável retirada para a cidade de Corunha, durante o inverno terrível de 1808-1809, na Guerra Peninsular, o general sir John Moore observava de um outeiro os seus soldados descalços, esfarrapados e exaustos a entrar, quasi aos tropeções, na cidade. A certa altura viu ao longe soldados que se aproximavam em correcta formação de marcha e sem um único retardatário. «Isto só a Guarda!» — exclamou ele. Era de facto o primeiro regimento da Guarda que por ele passava, um modelo de disciplina e de aprumo militar, nas condições mais difíceis.

Este primeiro regimento da Guarda é hoje conhecido pelo nome de «Os Granadeiros da Guarda», a formação de infantaria por excelência do exército britânico, cujo rol longo e impressionante de honras resume a sua história magnífica, repleta de actos de coragem, de resolução e de pericia no campo de batalha.

O regimento data de 1658 quando o rei Carlos II o recrutou, no exílio, entre os seus leais partidários. Quando o monarca reocupou o trono, em 1660, organizou na Inglaterra outro regimento e em 1665 fundiram-se os dois para formar o que é hoje propriamente, a Guarda.

Algumas das primeiras companhias foram recrutadas na City de Londres, circunstância que é comemorada com o privilégio que goza este regimento de marchar através da City de baionetas caladas, bandeira desfraldada e banda a tocar.

A primeira honra ganha no campo de batalha foi a de Tanger em 1680 e recorda o facto de estar nesse tempo a servir no regimento John Churchill, mais tarde o grande duque de Marlborough, antepassado do sr.



Winston Churchill. O primeiro regimento da Guarda participou na tomada de Gibraltar em 1704-1705 e encheu-se de glória sob o comando de Marlborough, em Blenheim, Ramillies, Oudenarde e Malplaquet.

O serviço por ele prestado na batalha de Waterloo (1815), esmagando os granadeiros da guarda imperial francesa, foi recompensado pela concessão de um novo título, a saber: «O regimento de granadeiros da guarda a pé», agora habitualmente encurtado para «Granadeiros da Guarda».

A lista das honras ganhas durante a grande guerra de 1914-18 inclui os nomes de muitas batalhas célebres, o que prova que o regimento entrou em todas as batalhas de importância.

A presente guerra começou da maneira mais auspiciosa para os Granadeiros da Guarda pois a extraordinária coragem do cabo Harry Nicholls, desse regimento, durante as operações preparatórias da retirada de Dunquerque, foi o primeiro serviço a ser recompensado com a Vitória Cross.

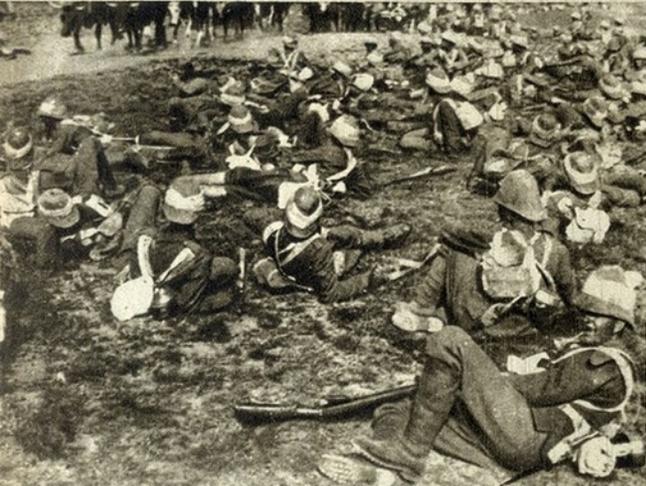
Um batalhão dos granadeiros pertenceu ao temível 8.º exército do marechal de campo Montgomery que expulsou Rommel da Africa.

Um dos feitos mais insignes da campanha da Tunísia foi a tomada do Monte Longstop pelos granadeiros no dia de Natal. Este monte célebre tinha sido tomado pelos aliados poucos dias antes, mas o inimigo contra-atacou em força e retomou-o. Os granadeiros receberam

(Continua na página 28)



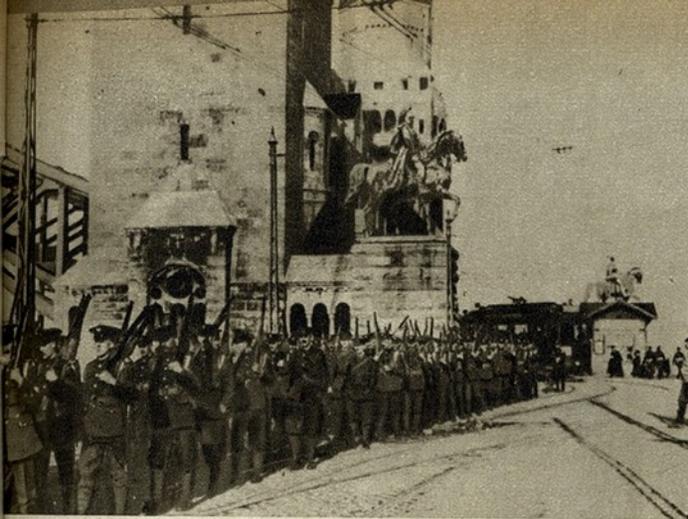
Os Granadeiros da Guarda desembarcam no Egipto em 1801 — um dos episódios mais gloriosos das guerras contra Napoleão



Os Granadeiros da Guarda comandados por lord Roberts descansam na sua marcha através do Transvaal durante a guerra Boer, 1899-1902



1914-18. Os Granadeiros da Guarda entraram em todas as batalhas de importância nesta guerra



O primeiro batalhão dos Granadeiros da Guarda numa rua de Colónia, no dia 8 de Janeiro de 1919



Antes de 1939. Os Granadeiros da Guarda marcham em pe'otões de três na parada do seu quartel



A mudança da Guarda no Palácio de St. James, antes da guerra. Oficiais dos Granadeiros da Guarda (à esquerda) e do regimento de Green Howards marcham com as bandeiras regimentais



Os Granadeiros passam a montar motocicletas



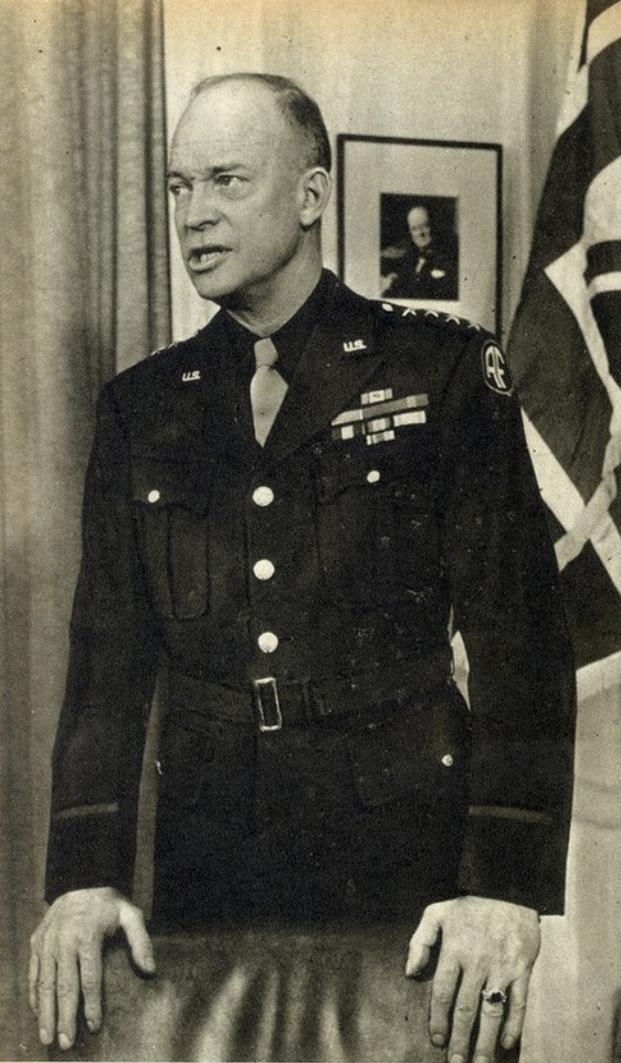
Um batalhão de Granadeiros pertencente ao temível 8.º exército do marechal de campo Montgomery



Os Granadeiros com o 5.º exército, em Janeiro de 1945



Durante uma ascensão difícil na frente italiana



Eisenhower falando em Inglaterra



À monumental entrada para o parque



Um aspecto da sala de jantar

O Castelo de Eisenhower

A Escócia ofereceu ao general Eisenhower, chefe supremo dos exércitos aliados, no Ocidente, um dos seus mais lindos castelos.

Trata-se de um magestoso edifício, de tradições históricas e situado num dos pontos mais pitorescos daquela região Inglesa. O «Culzean Castle» pertenceu à família Kennedy. As suas salas são amplas e monumentais. Ao conforto específico inglês do ambiente junta-se o interesse da sua sumptuária, destacando-se, sobretudo a sala de armas, que tem uma interessante e valiosa colecção. O grande cabo de guerra já

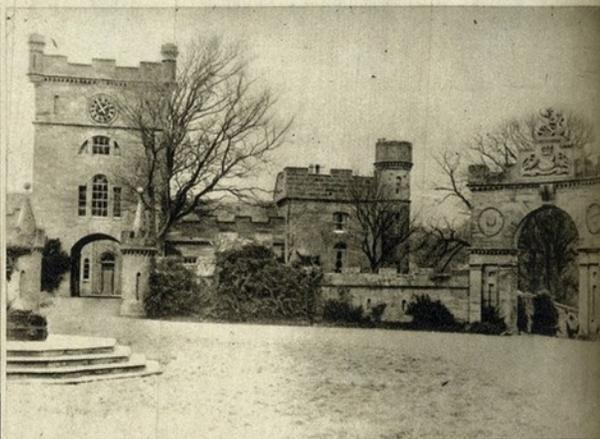
tem onde vá descansar das fadigas do seu alto cargo. Nesta estância calma e tranqüila, êle pode, perfeitamente, escrever as suas memórias. Dizer-nos, como conduziu os exércitos à vitória, mas, sobretudo, historiar aqueles pequenos factos ocultos, os elementos imponderáveis com que jogou para libertar a Europa do flagelo nazi. Ali, ao mesmo tempo, conversará, recordando uma fraternidade indissolúvel com o seu amigo Montgomery que, com a sua técnica, foi, pode dizer-se, o cérebro da vitória. O castelo pertencerá ao generalíssimo Eisenhower durante a sua vida.



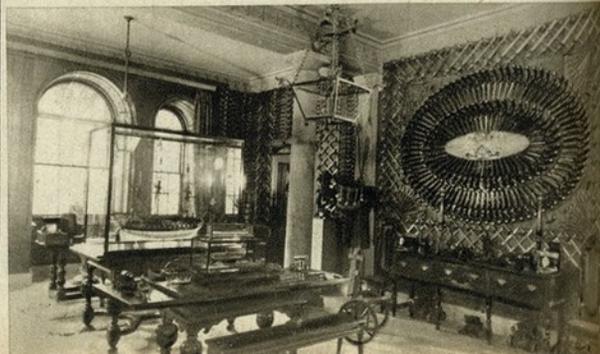
O retrato de Archibald Kennedy



À escadaria decorada com trofeus guerreiros



O «Culzean Castle»



À valiosa colecção de armas

FOTO-CRIME

A MORTE DA BAILARINA



A bailarina Teodora Michelle foi encontrada morta, no seu camarim, por uma bala de pistola. O empresário Gervais Ricardo fez algumas declarações enquanto o inspector Cobe, chamado para tomar conta do caso, fazia um breve exame.

— Chamei-a para assinar um novo contrato... Ela estava bastante nervosa tendo-me dito que, uma hora antes, um homem a chamara ao telefone e a ameaçara de morte. Posso acrescentar que ela tinha muitos inimigos. O inspector continuou as suas investigações.



O empresário declarou ainda: — Estávamos os dois sentados a discutir as cláusulas do contrato, quando calhou eu olhar para o espelho. Reparei que a porta se abriu muito de mansinho. Enquanto me voltava souei um tiro. Quando cheguei à porta não vi ninguém.



O ensaio, como o inspector soube depois, terminara à tarde. O porteiro admitia que ouvira um tiro e que pouco depois passara um carro na rua. O inspector reparou que Teodora tinha o lápis de pintar as sobrancelhas na mão direita. Deveu, por suspeita, o empresário.

PORQUÊ?

(a solução na página 30)

O PRIMEIRO NATAL

(Continuação da página 2)

Tôda a dona de casa inscreveu-se com grande antecedência para a compra de um peru ou mesmo de uma galinha para o Natal, mas poucas são as pessoas que conseguiram obter aves de qualquer espécie. As frutas doces, que costumavam ver-se aos montes pelo Natal, parecem ter tôdas ficado nos países da sua origem e até as galinhas deram a impressão de estarem a celebrar a época festiva em vez de cumprirem as suas obrigações essenciais.

Os presentes do Natal deram origem, êste ano, a uma verdadeira caça ao tesouro. Desencantou um botão com pé constituiu um triunfo e descobrir uma escova de dentes que não desmaiasse dentro de água quente, uma glória. Sabonete ou sabão como presente foi assunto delicado a ponderar. Aqueles que decorreram às suas deminutas reservas para dar presentes procederam, segundo a opinião geral, com certa imprudência. A maior parte das coisas que as pessoas precisam só se podem obter por meio de coupons, e os coupons são mais preciosos que os rubis. O velho presente de um par de meias de sêda há muito que passou à categoria de sonho. Se algum par entrou de vez em quando do estrangeiro era exibido às amigas que se enchiam de inveja e voltava depois para a gaveta onde ainda está porque nunca houve o asêdo bastante solene para o calçar. Os da velha guarda lembram aos novos que o mesmo sucedeu depois da primeira guerra mundial mas, hoje, a falta de tudo é maior. A chegada da paz nunca significa abundância, mas sim carência de mercadorias e o Natal apenas serviu para o acentuar.

Queixaram-se muitos da falta de brinquedos para crianças, mas neste ponto são os adultos quem mais se aborrece. Restauraram-se os brinquedos velhos, os pais mostraram-se habilidosos na fabricação caseira de brinquedos: uma caixa de charutos, com carrinhos de fita de máquina de escrever a fazer de rodas, chelo de embrulhinhos contendo alguns caroços de açúcar, umas moedas, um livrinho de apontamentos de fabricação caseira e outras coisas semelhantes, têm tido imenso êxito. Havia o propósito de pintar caixas de charutos de vermelho, da cor das camionetas do correio, mas não houve tinta.

Um Natal sério

Se há gente que se queixa de não ter havido velas para as árvores de Natal, de estarem as lojas mais vazias do que nunca e a comida de pior qualidade, isto apenas serviu para acentuar que não foi êste um Natal cheio de cansaço e de desespero mas sim um Natal sério, o Natal mais sério que a humanidade conheceu. Se a Grã-Bretanha não tem a quantidade de comida de que gosta, tem o suficiente para se sustentar e manter-se com

(Continua na página 29)

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM



Um chapéu a que a renda preta dá extraordinária graciosidade

O vestido novo

O vestido de tarde. É aquêlo que deve ser eslhido com mais cuidado, merecendo várias horas de estudo.

Preferi-lo preto, é acertar não só no alvo da distinção como do durável. Pensar primeiro no que já se tem, afim de fazer diferente. Escolher um feitto que, embora na moda, não tenha grande probabilidade de mudar.

Os bordados usam-se, mas passam. No entanto, o canutilho, o ouro, a lantejoila são sempre agradáveis numa *toilette* dêste género. Discretamente, para poder ser usada, mesmo num chá público ou numa conferência.

O vestido na *côr da moda* será marcante mas não fará mais do que uma estação, pois se tornará muito conhecido.

Com um chapéu *frufutante*, está o desejo realizado.

O vestido preto apresenta, ainda, outra vantagem: Com variados acessórios faz diversas vistas: cada *côr*, cada aspecto diverso. E' difícil escolher o vestido elegante que não canse e esteja, sempre *à page*? E', mas consegue-se...

Gostaria que o Menino Jesus trouxesse isto:

- As tão faladas meias *nylon* que não se «desmalham».
- Um vestido de *jersey* de lã preto drapeado por Agnès Drecoll.
- Uma saca de *calf* avermelhado, exactamente, no tom que se vai usar em sapatos desportivos.
- Alguns metros de *gros-grain* com salto esguio.
- Um *oito* bem na *côr do cabelo* para pôr no alto da cabeça à maneira de rodilha.
- Uma túnica de *lamé* branco sem mangas e orlada a raposas brancas também.
- Alguma roupa interior da *Candidinha*.
- Um par de luvas muito engraçadas, que *Perlin* está lançando em Paris: são de camurça preta e, por cima, têm um rendilhado, a *côr*, imitando *mitaine*.
- Um chapéu de chuva com recurvo cabo, não já de Malaca, mas sim de marfim.
- Um imperturbável *tailleur* em cetim preto.
- Uma gargantilha extensível em ouro verde que se amolda ao pescoço fechando com grande pedra colorida.
- Um colete de pele com capuz pegado.

Côres dêste momento

Verde-chartreuse, Canela, Castanho, Rosa-gorja, Rosa-shocking, Ocre, Grís, Beige e Grêge.

CAYRES
RELOJOEIROS
RUA DO OURO, 133 · LISBOA

Distinção



Um casaco prático, forrado de tecido escocês



Teodoro

Apresenta a mais rica coleção de peles importadas, directamente, dos países de origem a preços sem competência nos seus estabelecimentos

R. DO CARMO, 29-30
R. DA PALMA, 117-121

TELEFONE P. B. X.
2 0 7 8 4

L I S B O A



RAFAEL FERREIRA

«NOS BASTIDORES DO JORNALISMO»

Memórias de Rafael Ferreira

O jornalista que, por dever de ofício, passa anos a relatar a vida dos outros, quase sempre se esquece de si próprio. Quando se pretende saber alguma coisa de indivíduos que assinalaram a sua passagem pelas artes, pela literatura ou, ainda, por outras manifestações que dão significativo relêvo a quem as pratica, é inevitável a consulta dos jornais. Logo, como as gazetas são escritas por periodistas, a história das pessoas mais ou menos célebres é da incumbência de quem escreve os jornais.

Mesmo fora da profissão, o jornalista não se liberta totalmente do ambiente intelectual em que se formou. E, quando sucede escrever livros, fala mais dos estranhos do que de si próprio. Contudo, ninguém melhor do que o noticiário podia legar mais impressivo livro de memórias. Tantos foram os acontecimentos que presenciou, tão diversos os casos observados, tão variados os indivíduos com quem, dentro ou fora da profissão, conviveu, que essa obra memorialista, a ser escrita, em nada ficaria a dever a um volumoso tratado de múltiplo aspecto filosófico...

Todavia, os jornalistas continuam a ocupar-se dos outros. Também, se assim não fosse haveria, decerto, menos génios! Rafael Ferreira, que anda pelo jornalismo há algumas dezenas de anos a afirmar com um valor e uma dignidade invulgares, o seu grande amor por uma profissão que, em tantos casos, torna a vida mais amarga do que agradável, publicou recentemente um livro que se prende à sua actividade de jornalista. Pelas páginas deste seu último trabalho literário perpassam figuras, episódios, quadros vividos e observados, — coisas de jornais e de gente de quem os jornais se ocupam.

Chama-se este volume, «Nos bastidores do jornalismo», e nele, como na continuidade de um filme, o leitor aprende na leitura o que foi a vida de tantas pessoas ilustres ou não durante meio século. E como Rafael Ferreira é jornalista, a sua prosa contém aquela lúcida comunicabilidade que é virtude de profissão. Lê-se de em fôlego este livro, num crescendo de interesse. E estamos certos de que muitos dos seus leitores o hão-de reler por necessidade de espírito e «remember» de casos passados.

«PATAMAR»

Um novo livro de Guedes de Amorim

SABEMOS que o romancista Guedes de Amorim tem no prelo um novo livro de contos, e que o aparecimento desta obra não demorará muitos dias.

ONTEM E HOJE

DOR AUGUSTO RICARDO

“MÃE POBRE” de Carlos de Oliveira

CARLOS DE OLIVEIRA é um nome que enfileira na moderna escola literária de poetas e prosadores. No seu último livro, poesias, a personalidade do autor evidencia-se de modo significativo. Isto é: o poeta segue caminhos ensombrados de interrogações e de bruma.

Em toda a expressão artística há um mistério nem sempre acessível a todos os espíritos. Determinadas concepções reveladas por alguns escritores actuais não podem estar à mercê de vulgarizar e interpretativa da maioria; mas, sendo assim, torna-se ineficaz a missão do escritor, mormente quando este faz parte de uma geração que pretende libertar-se de condenáveis artificios do passado. Daí o facto de a arte de alguns poetas contemporâneos esboçar um tímido anseio de intenção ideológica.

Parece-nos que o poeta Carlos de Oliveira não pode totalmente libertar-se desse receio. Não, acreditamos, por culpa própria mas por influência de um fenómeno de ambiência.

Contudo, nem todas as composições de «Mãe pobre» refletem essa tendência obscura. Embora o autor repudie a opinião que formulamos, seria para nós de mais agrado que a intencionalidade dos seus versos fosse, ao contrário de outras produções do livro, de expressão mais clara como são, por exemplo o «O viandante», «Cantiga dos cravos» e «Canção da jorna». Estas produções pelo seu significado humano, essência e beleza poéticas, podem, sem favor considerar-se belas.

UMA CONFERÊNCIA

EM tempos já um pouco distantes houve a moda das conferências. O feticto tinha, quasi sempre, a dúbia expressão de cómico e de solene. Essa característica era-lhe dada pela compostura dos ouvintes, e também, pelo próprio conferente sentencioso e grave.

Habitualmente o discursador era uma pessoa impertinente dentro das suas negras vestes a que um maço de papel branco debaixo do braço quebrava a monotonia da indumentária.

Num ambiente de sonolência os assistentes ouviam durante horas e horas a leitura de muitas folhas de papel. Por vezes, ao princípio da arenga, algum ouvinte mais audacioso arriscava um tímido «muito bem» quasi cíclico do. Sucedia, contudo, que quando o sermão acabava de ser mastigado pelo ledor de sobrecasaca, este, ao erguer a vista das laudas de papel, verificava que a sala estava deserta. Perdão, não estava completamente vazia: quedavam-se ainda nas suas cadeiras, heróicamente, alguns ouvintes... entregues ao prazer de um reparador ressonar. Era a isso tudo que se chamava um a conferência.

O que antigamente se tornava uma insuportável tortura, um falazar sem nexo, adormecedor, é hoje uma necessidade de expôr ideias, emitir conceitos, esclarecer problemas que interessam à maioria; quer dizer, estabelecer um espirito de comunicabilidade entre a pessoa que pensa e a que ouve. E' difínilr pontes de vista, exaltar a verdade e os sentimentos que prendem os homens às suas livres aspirações.

Sugeriu-nos este curto comentário uma extraordinária exposição de ideias que há dias foi feita na «Voz de Oprimido» pela mais notável figura do jornalismo contemporâneo — Jaime Brasil. Estivemos para não lhe citar o nome. Há citações que podem estabelecer contactos generalizados. E o jornalista nomeado está muito acima da generalização. Mas se o fazemos. A lição que nos deu Jaime Brasil teve o seu admirável virtude: tratou de um homem que foi romancista e jornalista digno deste nome e que também foi rebelde e agitador na sua arte e nas conferências revolucionárias do Casino.

Em pleno século XX

INFORMARAM os jornais que em qualquer terreola um indivíduo, decerto pessoa previdente, se lembrou de mandar tocar os sinos da igreja na intenção de afugentar o vento e os trovões.

Não sabemos, porque os jornais não o disseram, se a iniciativa deu o resultado esperado.

Seja, porém, como for o acto é significativamente admirável.

Que se peça chuva, e tanta gente a andou a pedir profissionalmente, ainda se compreende pela necessidade dos que precisam dela e de acreditar na satisfação dos seus rogos.

Mas a lembrança de afugentar o vento e os trovões aos som melancólico dos sinos, é surpreendente. Quem sabe se essa ideia não terá o condão de alterar as imutáveis leis da física?

O caso, a acreditar nas notícias das gazetas, deu-se há poucos dias. Isto é, no século em que vivemos, o século XX, também apelidado de atómico.

E andam por aí tantos indivíduos importantes a chamar estúpido ao século que passou! Como se a pacovice fosse atributo exclusivo do século a que muitos espertos oportunistíssimos continuam a alcançar de estúpido esquecendo ou, talvez, ignorando quem o divulgou.



MERRY ENGLAND

Como a Grã-Bretanha ama as crianças. Nesta paisagem idílica elas parecem flores

Original figura literária

(Continuação da página 4)

deiramente «mushin» São pequenas, trapudas, com um posterior que se assemelha muito à lua de Montmartre...»

«Parti de Jerusalem a Jaffa, munido de recomendações franciscanas «per urbis ed orbis», e em Jaffa, os franciscanos, que são os porteiros e guardas da Terra Santa, um pouco mais e não me queriam dar a hospitalidade a que tenho direito...»

Parti de Jaffa para Nubles, povo da Galliléa, onde estive dois dias em franciscana hospedagem, e de lá para Nazareth (não confundas!) onde passei o Natal e onde ouvi, pela primeira vez na minha vida, a missa à meia noite, porque a tanto me obrigaram na igreja latina de Nazareth, sentado em magnífica poltrona que obscuramente me trouxe um alambicado «acharas» esgalado de ouro, arrastando um vistoso «ystagan».

Tudo é negro aqui, em Palestina: chove dias e semanas consecutivas! as montanhas remotas somem-se na bruma, e afoga a terra um véu de tristeza e de enafado.

Muitos me desiludiram de tanto viajar em Palestinas, porque muitos viajantes tinham sido roubados pelo caminho, pelos mussulmanos, que os deixavam ficar como Adão no Paraíso Terrestre! Mas eu, para quem o médo é coisa desconhecida, fui para deante e nada se passou!

Cheguei a Caifá, último povo da Palestina, onde estive 15 dias, e onde existe uma gruta, guardada por outros reverendos, carmelitas, que me deram dois dias de hospitalidade a que tenho direito.

Em Caifá fiz conhecimento com um distinto pintor polaco, Adam Gebvowski, exilado por revolucionário. Passámos alguns dias cuspiendo a nossa biltz pela sociedade e alçando as nossas torres de marfim, ao som de uma monótona clava e dum temporal madonho. Eufim, de Caifá parti a pé para S. João de Acre (Aks) onde Napoleão arrastou o seu sabre, fortaleza antiquíssima onde os mussulmanos são fanáticos terríveis. Passei a Tito, conhecida cidade fenícia, e tudo isso me deixou frio: eu vivo nestas terras como alguém que vem de longe, de muito longe, dum mundo que ninguém sabe.

A correspondência de José de Aquino Pinto é vasta e interessante, mas o espaço de que disponho obriga-me a terminar aqui

EUGÉNIO VIEIRA

Quando os leões rugem

(Continuação da página 15)

confessem o rei dos animais é tão corpulento que sentimos na espinha um frio de aço retalhante.

E se ele não obedecesse? O homem, porém, agora, pelo menos, parece ser o mais forte. A sua audácia vence a fera. Como que a magnetisa! No entanto, é sempre bom desconfiar. Acabam quasi sempre mal os homens como este que, dentro da jaula de um leão, nos maravilham com o seu arrojo temerário, metendo dentro das fauces as quatro pare-

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

CARREIRAS REGULARES ENTRE:

LISBOA, MADEIRA E AÇORES

Saídas em 8 de cada mês para:

Madeira, Santa-Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa-Cruz*, S. Jorge (Calheta), Pico (Lages) e Faial.

Em 23 de cada mês para:

Madeira, Santa-Maria, S. Miguel, Terceira (Praia), S. Jorge (Vilas), Pico (Cais), Faial, Corvo e Flores (Lagos e Santa Cruz).

Agentes em Lisboa:

GERMÃO SERRÃO ARNAUT

Carga e Passagens de 3.ª classe

Passagens de 1.ª e 2.ª classe

Avenida 24 de Julho, 2-2.º

Rua Augusta, 152

Telefone 20214

Telefone 20216

NO PORTO - J. T. Pinto de Vasconcelos, Ltd.
NA MADEIRA - Blandz Brothers & C.º, Ltd.
EM PONTA DELGADA - Bensaúde & C.º, Ltd.

des fragéis do crâneo. Estamos agora a lembrar-nos do que sucedeu à artista e domadora francesa Gina Manès por quem se apaixonou um magestoso leão do Atlas. Quando numa carícia brutal a beijava, desfigurou-lhe, cruelmente, o rosto. Só então se mostrou vencido. Não terá o amor qualquer coisa de destruição?

Os granadeiros da guarda

(Continuação da página 22)

então ordem para avançar. Expulsaram os alemães e restabeleceram a posição aliada depois de duros combates.

Durante a luta épica na cabeça de ponte de Anzio, na Itália, escreveu-se outro capítulo esplendido da história dos granadeiros da Guarda e ali se praticaram actos de heroísmo, entre outros, o Sidney, que lhe valeram a V. C.

Batalhões deste regimento formaram parte da divisão blindada da Guarda que, no formidável arranço desde a Normandia até às portas de Berlim, ganhou fama imorredoura pela sua bravura. Um batalhão também pertenceu à 6.ª Brigada Blindada da Guarda que colaborou com a 6.ª Divisão aero-transportada nos combates terríveis logo ao começo das operações na Normandia.

Tal é, em poucas palavras, a história deste regimento incomparável.

PAULINO FERREIRA FILHOS, LIMITADA

ENCADERNADORES E DOURADORES

As maiores oficinas do país movidas a electricidade

Trabalhos em todos os géneros simples e de luxo

Diploma de honra na Exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição da Imprensa. Premiada em tôdas as exposições a que tem concorrido

CASA FUNDADA EM 1874

Capas para o MUNDO GRÁFICO . . . 20\$00
Empaste 5\$00

Orçamentos grátis

III

18 - A, RUA NOVA DA TRINDADE, 18 - D

LISBOA
Tel. 2 2074

APP

Rainha da Hungria

OS PRODUTOS DE BELEZA NA MUITO CONSAGRADOS PELA MULHER ELEGANTE

M.º CAMPOS

RAINHA DA HUNGRIA

UM MUNDO DE CÊRA

(Continuação da página 8)

nam desaparecido e tenham sido substituídas à sua volta. Ali também, num estrado à parte das outras figuras, estão Hitler, Mussolini, Goering, Goebbels e Hess.

Na cõrte francesa

A história da própria exposição tem o seu quê de romântico. Madame Tussaud, antes de sair da França, vivera durante nove anos na malfadada cõrte de Luís XVI onde ela ensinava as damas de cõrte a modelar a cera, uma das manias elegantes do tempo. Depois da Revolução Francesa ela foi convidada a fazer as «imagens vivas» daquela mesma gente com quem vivera e a quem ensinara a sua arte. Um dos objectos mais preciosos da exposição é um molde da cara de Maria Antonieta que Madame Tussaud tirou em vida da rainha.

O talento da modelagem tem sido herdado por todas as gerações da família Tussaud. Hoje, Bernard Tussaud, trineto da fundadora, é o artista encarregado de toda a modelagem da exposição. Trabalhando debaixo das suas ordens há um pessoal (cujo número é presentemente apenas de dez mas que é apenas maior em tempos normais) que éle próprio adentra no trabalho delicado e exacto, pois a exposição renova-se e modifica-se constantemente.

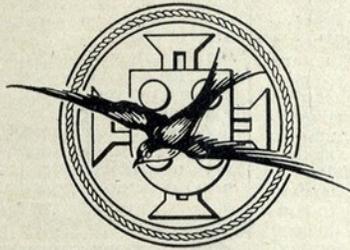
Um dos grandes grupos consiste das vedetas do desporto e dos campeões — homens e mulheres que adquirem celebridade mundial quando ganham algum campeonato internacional de ténis, de patinagem, de box ou de corridas. Uma vez estabelecidas as suas reputações as suas figuras aparecem imediatamente na exposição de Madame Tussaud, modeladas sobre o vivo, e trazendo muita vez a própria roupa com que o campeonato foi ganho ou uma cópia exacta dela feita pelo alfaiate do campeão. Um ano depois estas

figuras podem desaparecer e ser ocupado o seu lugar por outro que se notabilizou nalgum acontecimento mundial. A cera do rosto e dos braços é derretida para tornar a servir e os olhos de vidro, que são caros e que dão vida ao rosto já de si tão perfeito, vão juntar-se à colecção enorme a que se recorre para cada modelo novo.

Os lugares permanentes

Outro grupo que se modifica é o do Ministério de cada governo da Grã-Bretanha logo que este assume o poder. Algumas destas figuras serão conservadas para se juntarem à colecção histórica dos grandes homens. Entre essas figuras está a de Winston Churchill, que terá um lugar permanente na exposição ao lado dos outros grandes estadistas britânicos. Os homens que quebraram «records» antes da guerra apareciam e desapareciam da exposição com muita frequência visto que as velocidades em terra, no mar e no ar aumentavam quasi de semana para semana, mas aqui também alguns ficarão para sempre o francês Bleriot, o primeiro homem a atravessar a Mancha de avião, e Alcock e Brown, os primeiros aviadores a atravessar o Oceano Atlântico.

Destruída pelo fogo em 1925, a exposição foi reconstruída e reaberta três anos depois, tornando-se modelar as figuras graças aos moldes que tinham sido armazenados fora do prédio que ardeu. Parte destes



SÉDE:

R. da Assunção, 79 a 85

R. dos Sapateiros, 135-143

Telefones: 25 201 — 25 202

Código: A. B. C. 5.ª Edição

Fábrica: Avenida Casal Ribeiro, 18 a 24

Telegramas:

SOBRES-
CRITOS

PAPEIS

Dominguez & Lavadinha, Lda

L
I
S
B
O
A

2.000 moldes foram levados para o campo no principio da segunda guerra mundial para estarem ao abrigo dos bombardeamentos, e serão de novo utilizados para preencher as lacunas abertas na exposição pelos incêndios mais recentes e pelos destruições causadas pelas bombas incendiárias e explosivas da guerra aérea.

O PRIMEIRO NATAL

(Continuação da página 25)

saúde e ela sabe, pois há todos dias testemunhas oculares disso, que a poucas milhas de distância existe uma Europa continental faminta, no sentido mais literal da palavra. Não é permitido oficialmente a exportação de géneros alimentícios mas muitos ingleses acham intolerável ter o bastante quando outros estão a morrer de fome. Por isso, vai-se mandando particularmente alguns géneros para o estrangeiro. Derrotarem os inimigos e cessarem os nossos próprios aborrecimentos, sob a forma de bombas explosivas, não basta para tornar alegre um Natal de tempo de paz.

Falta evidentemente um pouco de carvão e sente-se mais a seriedade da situação quando se tem frio do que quando se tem calor mas, em mais este ponto, a situação da Grã-Bretanha não se pode comparar com a da Europa continental. Se toda a Grã-Bretanha estivesse a abarrotar de alimentos, dispondo de aquecimento central e de casas perfeitas, embrulhadas as mulheres em casacos de peles e trazendo meias de seda, muita da sua gente continuaria a ter a im-

A MELHOR OFERTA



Dep. A. RODILES L.ª

TEL. 2 7292 LISBOA

pressão de que tudo isso era como cinza e pô enquanto permanecesse sobre o continente aquela sombra negra. O Natal está a accentuar a solidariedade da Inglaterra com a Europa continental.

O regresso dos soldados desmobilizados

Outra razão não para desespero mas para seriedade é o regresso dos soldados desmo-

(Continua na página seguinte)

Quando faz frio....

protege-se a pele com

CREME NIVEA

Deste modo evitará gretas e irritações da pele ocasionadas pelo frio e vento invernal.

Frictione bem a sua cutis e mãos com Creme Nivea não só durante o dia antes de se expôr ao mau tempo, como de noite ao deitar-se. Assim a pele conserva-se sempre suave e macia. Nivea não deixa brilho.

Depositarie:
Pestana, Branco & Fernandes, Lda.
39, Rua Sapateiros, 14, Lisboa



O PRIMEIRO NATAL

(Continuação da pág. anterior)

bilizados e de muitos outros que vêm de licença. Milhares de rapazes estão de volta para a Inglaterra para o Natal e procuram compreender porque é que lhes falta o entusiasmo daquelas preciosas licenças do tempo de guerra. É que se lhes defrontava a eterna falta de casas, devido aos bombardeamentos, e a preocupação conflagrante a respeito do seu próprio futuro. Quasi sem execução chegaram à porta da casa a dizer que «não tencionam seguir o modo de vida que tinham antes» e, para os homens mais novos, poucas persoectivas se abrem à excepção da superintendência de grandes regimentos de camiões e de vastas frotas de aviões. A sua adaptação à situação presente e talvez um dos problemas mais graves.

Por isso este primeiro Natal da paz, a seguir a uma guerra longa e cruel, foi encarado com muita seriedade pelos que sentiram aquela guerra de perto e cujos lares e entes queridos foram dispersos e despedaçados como nunca o tinham sido no passado. O Natal patenteou com severidade tudo quanto há a fazer e, deste balanço do futuro, resulta uma determinação firme de levar a tarefa a bom termo. Embora a desobstrução do terreno para as novas construções do futuro

A SOLUÇÃO DE FOTO-CRIME

DE acôrdo com as declarações de Gervais Ricardo, éle olhara para o espelho, estando sentado ao lado de Teodora, e vira abrir-se a porta muito de mansinho. Um olhar ao espelho chegava para demonstrar que estas declarações eram falsas, pois éle estava numa inclinação tal que uma pessoa sentada nunca poderia vê-lo ver a imagem de uma porta que se abria.

Foi esta a razão que levou o inspector Cobbe a deter o empresário. Depois de interrogatórios apertados Ricardo confessou que num acesso de fúria provocada por uma cena de ciúmes, disparara contra Teodora. Recuperando depois as facultades resolveu preparar a cena e apresentar aquele alibi que, não fosse o espelho, poderia muito bem ter sido aceite.

pareça aumentar a confusão há que desobstruí-lo.

Durante este primeiro Natal da paz a Grã-Bretanha enfeitou as suas casas com azevinho e visco, como de costume, acendeu mais alguns candeeiros nas ruas e distribuiu alguns presentes. Fez, em suma, todos os gestos próprios do Natal, ainda que não fosse senão para adquirir a força viva necessária para tomar de novo o rumo da paz na terra e de boa vontade para com os homens.

A escola de Dartmouth

(Continuação da página 8)

dados para a Real Escola Naval e, ao sair da escola, os cadetes servem a bordo de um navio escola durante dois trimestres. Então, se forem recomendados, passam à categoria de aspirantes e ficam em condições de serem destacados para o serviço a bordo de qualquer barco, quer na metropole quer no ultramar ou no estrangeiro. Embora um aspirante ainda seja considerado como completando o seu período de instrução, são-lhe confiadas responsabilidades muito concretas, se bem que não indevidamente onerosas como official. Competem-lhe deveres tais como o encargo completo de um dos botes de bordo, algumas vezes um das armas mais ligeiras ou parte do serviço de incêndios ou o comando de um grupo de reabastecimento de munições. Para que possuam conhecimento conveniente dos serviços do administração naval os aspirantes são os principais ajudantes dos primeiros tenentes das divisões e dos officiais de rancho. De aspirante passa a guarda-marinha e depois a segundo tenente.

As fotografias que publicamos mostram como vivem e se instruem os cadetes em Dartmouth. Existe na Escola uma grande oficina dirigida por engenheiros navais.

Além do pessoal puramente naval há o pessoal profissional do Director da Escola, um grupo de chefes de secção e um grande número de professores auxiliares.

As delicias do III Reich

(Continuação da página 16)

perioridade rática. Se o leitor olhar e meditar sobre as gravuras que ilustram estas pá-

ginas, difficilmente reconhecerá nas personagens que as compõem, os homens que em Nurenberg tentam a todo o transe fugir à responsabilidade dos crimes que as hordes invasoras praticaram em todos os países sob as suas monstruosas ordens.

Foi sempre assim o fim dos tiranos: hoje, arrogantes, intangíveis, ameaçadores; amanhã, vencidos, humildes e servís como cordeiros.

Ninguém dirá que sob o requinte da casaca, esses homens se de homens eles têm sentimentos! ou se são apenas racionais pela configuração física) foram os mesmos que na Rússia, na França, na Bélgica, na Noruega, na Holanda, enfim, em todas as Nações que, temporariamente, estiveram sob o regime criminoso de uns tantos brutos montes de tete-carre.

Esses homens podiam ter errado, podiam ser crucis como manda a lei da guerra. Mas não! Esses monstros estão fora de toda a compreensão humana. Não praticaram erros! O erro, embora seja condenável, nem sempre é monstruoso. E eles e as suas hordas selváticas procederam com o instinto de hienas e foram mais ferozes, mais primários que os trogloditas.

A «élite», a raça fadada por dominar o mundo, como os seus chefes bacorejavam nos arengas às multidões ululantes de rancor, está hoje a demonstrar perante a justiça humana que a «raça eleita» era constituída por monstros.

Como se descobre um Crime

(Continuação da página 13)

petroscópio. E' um dos aparelhos mais caros do laboratório e o mais interessante. Permite o estudo directo de fragmentos demasiado pequenos, para a análise química. Uma lâmpada ultra-violeta serve para analisar tudo quanto faça prova de crime. Sob a sua influência, são claramente reveladas as características dos diferentes tecidos, nódoas, lacre, etc.

Uma das provas mais curiosas é a do simulacro de um

O MELHOR PRESENTE



Dep. A. RODILES L.º

TEL. 2 7292 LISBOA

Crime. Faz-se rigorosamente e, por vezes, é tão real que, em certa ocasião, o passageiro de um comboio apeou-se na estação seguinte para avisar a policia de que tinha visto um cadáver junto da linha.

Seja prático e económico

viaje na



Informações:

em todas as estações da C. P.
em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031
no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 722

COMPANHIA ALCOBIA

Fornecedores dos melhores e mais lindos mobiliários e decorações

CÓMODAS DE ESTILO — PORCELANAS — ESPELHOS DE VENEZA — CANDEIROS DE CRISTAL, DE FERRO FORJADO E DE MADEIRA — TAPEÇARIAS — MARQUISSETES E VOILES SUIÇOS, CARPETES DE : : : : : LÃ, ETC. : : : : :

COMPANHIA ALCOBIA

12-RUA IVENS-14 ★ 1-RUA CAPELO-9

TELEFONE 2 6441 — LISBOA

Ourivesaria Rossio, L.ª

ROSSIO, 90, 91 e 92 — Telefone 28004

Os Proprietários

Desejam aos seus Ex.ªs Clientes e Amigos
UM NOVO ANO FELIZ

B. B. C.

A V O Z
D E
L O N D R E S
F A L A
E O
M U N D O
A C R E D I T A

Até as próprias crianças
se interessam pelas emi-
sões da B. B. C.



Estas fotografias mostram alguns ouvintes
atentos e colaboradores preciosos





«BÉBÉS» INGLÊSES
DO ANO NOVO

**MUNDO
GRAFICO**